

**Joselane Araújo Ferreira de Oliveira – RA 981409**



1290000189



FE

TCC/UNICAMP OL4p

***O PRAZER À LUZ DE TRÊS HISTÓRIAS:  
A LEITURA NA ESCOLA E A FORMAÇÃO DE UMA  
PROFESSORA***

**UNICAMP  
Dezembro - 2002**

**Joselane Araújo Ferreira de Oliveira – RA 981409**

***O PRAZER À LUZ DE TRÊS HISTÓRIAS:  
A LEITURA NA ESCOLA E A FORMAÇÃO DE UMA  
PROFESSORA***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, sob orientação do Professor Doutor Guilherme do Val Toledo Prado.

**UNICAMP  
Dezembro - 2002**

UNICAMP - FACULDADE DE EDUCAÇÃO

UNIDADE:	FE
Nº GRADUANDOS:	TCC - UNICAMP
	OL4 p
V:	
TC:	189
PP:	124/2003
C:	7
PE:	1100
DE:	03 11/03
Nº DE:	Bib = 308607

**Catálogo na Publicação elaborada pela biblioteca  
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecário: Gildeir Carolino Santos - CRB-8ª/5447

OL4 p  
6837c

Oliveira, Joselane Araújo Ferreira de.

O prazer á luz de três histórias : a leitura na escola e a formação de uma professora / Joselane Araújo Ferreira de Oliveira. -- Campinas, SP: [s.n.], 2002.

Orientador : Guilherme do Val Toledo Prado.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Leitura. 2. Prazer. 3. Escola. 4. Professores – Formação. I. Prado, Guilherme do Val Toledo. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

02-211-BFE

---

*Orientador: Prof. Dr. Guilherme do Val Toledo Prado*

---

*2ª Leitora: Profª Drª Norma Sandra de Almeida Ferreira*

*“Pensar a leitura como formação implica pensá-la como uma atividade que tem a ver com a subjetividade do leitor: não somente com aquilo que o leitor sabe mas também com aquilo que ele é. Trata-se de pensar a leitura como algo que nos forma (ou nos deforma ou nos transforma), como algo que nos constitui ou nos põe em questão frente àquilo que somos (...) como algo que tem a ver com aquilo que nos faz ser o que somos.” – Jorge Larrosa*

*“Eu volto a insistir que o tema da linguagem é um dos temas da cultura e dos mais importantes, porque a linguagem tem a ver com a gente mesmo, com a identidade cultural, enquanto indivíduo e enquanto classe. Eu sou a minha linguagem; não tenho dúvida disso. É indispensável que a professora testemunhe ao menino popular que o jeito dele dizer as coisas também faz sentido, é bonito, tem a sua própria gramática, ainda que ela lhe ensine outra forma de falar e escrever”. - Paulo Freire*

*“(...) que a sala de aula pode ser um espaço de imenso prazer e alegria e que não são incompatíveis o aprender e o prazer, ao contrário, talvez o de que melhor se aprenda na escola seja o prazer de aprender” - Regina Leite Garcia*

*Dedico este texto às professoras e aos professores,  
que apaixonados por seu trabalho,  
lutam por uma escola melhor para todos.*

*Agradecimentos:*

*Aos meus pais, pela força, carinho e exemplo de determinação,  
base para a conclusão deste curso e trabalho.*

*Ao Adilson, pelo amor e paciência nas ausências e dificuldades  
deste processo de formação. A vocês três,  
meu pedido de desculpas pelo o que  
não vivemos devido a minha necessidade de estudo e trabalho.*

*Ao meu Orientador, Prof. Guilherme, pela dedicação,  
atenção e muito que me ensinou.*

## ÍNDICE

Resumo .....p. 08

Como surgiu o tema .....p. 09

*I – Era uma vez um menino maluquinho: leitura – prazer – escola – formação:.....p. 16*

*II – E apareceu a Linéia no Jardim de Monet: leitura e prazer na escola - compreendendo-me professora.....p. 37*

*III – A minha história de professora em formação: leitura e prazer na escola:.....p. 55*

*IV – E aqui vem o princípio de mais três histórias.....p. 70*

*V – Bibliografia.....p. 76*

*VI – Anexos .....p. 81*

## **RESUMO**

Palavras-chave: leitura – prazer – escola – formação.

No presente trabalho discuto a relação entre leitura e prazer, possibilidade de realização de um trabalho significativo na escola. Discuto ainda o meu processo de formação de professora, através da reflexão sobre o cotidiano escolar da minha prática e leituras que realizo.

Pensando a leitura como uma atividade que proporciona a possibilidade de prazer, de estabelecimento de relações entre as leituras de mundo e dos diversos meios escritos propiciados ao estudante, de formação, de criação, de transformação, entre outras características, considero-a como trabalho de fundamental importância dentro da escola.

Através do relato de algumas histórias, vividas na experiência de estágio, na minha turma de educação infantil e no meu processo de escolaridade e formação profissional, discuto o tema proposto, à luz de diversos autores pesquisados e trazidos para este texto.

## ***Como surgiu o tema...***

Sumaré, novembro de 2002.

Caro leitor:

*RAZÃO DE SER*

*José Paulo Paes*

*Escrevo. É pronto  
Escrevo porque preciso  
Preciso porque estou tonto  
Ninguém tem nada com isso.  
Escrevo porque amanhece,  
E as estrelas no céu  
Lembram letras no papel,  
Quando o poema me anoitece.  
A aranha tece teias.  
O peixe beija e morde o que vê.  
Eu escrevo apenas  
Tem que ter por quê?*

Preciso iniciar este texto escrevendo primeiramente sobre dificuldade e magia. É muito difícil escrever! Tentar colocar neste papel um pouco do que aprendi, do que começo a refletir sobre a minha realidade de professora em início de formação e, principalmente, tentar superar as minhas barreiras para expressar tudo isto não são tarefas nada simples ou fáceis. O sentimento e a emoção talvez ajudem nesta tarefa, por isso a menção à magia: como foi contagiante e fascinante este curso de Pedagogia no sentido de despertar a vontade de querer conhecer, de querer ler, discutir, buscar informações e refletir sobre o meu trabalho docente.

Tantas descobertas nestes cinco anos de curso desta Universidade, tantos os pensamentos e sentimentos que se entrecruzam na hora de escrever...(ansiedade e medo!) O autor Mario Osorio Marques, sobre sua pesquisa e obra "Escrever é preciso: o princípio da pesquisa", 1997, inicia seu trabalho com uma carta ao leitor, que parafrasearei na tentativa de apresentar o meu tema de estudo "o prazer da leitura na escola e minha formação de professora".

Depois de tão pensado, questionado, refletido, sonhado e temido, introduzo (finalmente!) ao leitor o meu Trabalho de Conclusão de Curso. Sonhado pela possibilidade de ligação ao término da minha graduação, processo difícil, porém 'rico', de conquistas de formação, intenso, trabalhoso, muitas vezes angustiante. Sonhado pela tentativa de colocar no papel um pouco das emoções, conflitos e anseios que venho vivendo na minha formação docente. Peço licença, a você, leitor, para fazer um à parte, pois pensar em carta curiosamente me faz lembrar o quanto adoro recebê-las e morro de preguiça respondê-las... E na necessidade de escrever o meu trabalho, a carta aparece como veículo inicial de comunicação!

Contar "de minhas motivações iniciais, de como cheguei a esse tema e de como o desenvolvi através de que caminhos, o faço nesta forma de carta, para frisar a primeira de minhas aprendizagens: a de que o tive, meu leitor, sempre presente numa presença não apenas suposta, mas real e afetiva, tanto mais exigente quanto mais calada, à espreita. Antes do leitor em que se converte você desde que lhe chegou às mãos meu livro, acompanhou-me o tempo todo o leitor que virtualmente seria você ou um outro, sempre a me espiar por cima dos ombros como um enigma que importava a cada momento decifrar. Sem essa muda e desafiante companhia o escrever não teria sentido. Reconhecê-lo é minha maneira de lhe agradecer pelos estímulos dessa presença assídua e desafiante".(Marques, 1997,p.9)

Ao escrever sobre leitura, escola e minha formação de professora, envolvidos numa relação de trabalho, desencontros, mas também muita emoção, principalmente alegria e prazer, tento compartilhar meus questionamentos,

leituras, reflexões e descobertas de forma que você, leitor, consiga de alguma maneira, aproveitar um pouco do que venho vivendo sobre o prazer da leitura em educação.

Sobre o surgimento do tema? Este, leitor, surgiu durante o curso de Pedagogia e meu início de trabalho docente, no final de 2000, onde algumas questões foram relevantes, como as muitas visitas em escolas, desde as disciplinas de Pesquisa Pedagógica e Práticas Docentes, além dos estágios no Ensino Fundamental e Educação Infantil. Especificamente o estágio que realizei na 4ª série da minha amiga Juracema, em Hortolândia. Minha vontade própria de ler e recuperar o que não vivi ou conheci na minha experiência escolar, e por fim, o sentimento da necessidade do resgate do movimento de um trabalho com leitura que envolvesse um caminho de imaginação, criatividade e delícias que precisavam ser vividos na relação com o ser humano e o saber no cotidiano escolar. Algumas disciplinas do curso, e principalmente seus professores (como alguns professores marcam a vida da gente, fazendo a diferença! A cada um deles, desde a minha Educação Infantil até a Universidade, o meu muito obrigado!), foram decisivos no processo de definição dos rumos da minha graduação e interesse de pesquisa. As amigas Salete, Juracema e Cibele, o meu trabalho na Educação Infantil e leituras, muitas leituras também o foram...

"A segunda de minhas aprendizagens foi a constatação de que era frutífera minha hipótese de que o maior desafio da escrita é o de começá-la; no seu todo e em cada uma de suas partes. Uma hipótese, aliás, fundamentada em prática já espichada. Isso porque só escrevendo se escreve. Não se trata de preparar-se para o escrever. É ele ato inaugural, começo dos começos. Para engatar a sério uma conversa é preciso, como quem nada quer, puxar por ela sem muita pressa em chegar ao assunto determinado. Para proveitosamente saber o que ler é preciso saber onde o escrever chegou e por onde pretende andar caminhos que se fazem andando. Depois, assunto puxa assunto, conversa puxa conversa, escrever puxa leituras que puxam o reescrever"(idem, p.10).

Caro leitor, o ler passa muito intimamente pelo escrever. Espero conseguir escrever um pouco do muito que vivi e descobri pesquisando a leitura. Numa boa conversa de mineira (de consideração e parentesco), gostosa e sem pressa, pretendo aos poucos ir revivendo e compartilhando experiências deste processo.

Que delícia de escrita a deste Marques! Parafrasear sua carta vai me deixando com vontade de parar momentaneamente este texto e responder (veja que incrível) sua carta... Ele propõe que seu texto seja um trampolim para a imaginação criadora, o que considero um grande e belo convite para mergulhar num mundo de possibilidades, com o pensamento, a memória, a imaginação, a criatividade e a emoção todos em efervescência, num movimento de abrir-se a muitas relações e leituras possíveis, num 'mundo aberto à inventividade criativa'.

Prezado leitor, desculpe a minha grande pretensão, mas concordando com o autor, "É-me imensamente gratificante augurar possam estas páginas servir a ajudá-lo se empenhe você, meu leitor, nessa mágica aventura do escrever, a todo tempo e com paixão irrefreável. Sirvam-lhe de incitamento os testemunhos que recolhi com carinho e que me levam a navegar na tela do computador, por mares de águas profundas, por terras seguras, pelos ares nas asas da imaginação. Escrever se faz assim forma de vida consciente, reflexiva, aberta sempre a novas aprendizagens". (ibid, p.10)

O objetivo deste Trabalho de Conclusão de Curso está em pesquisar o trabalho com a leitura na escola, numa relação de prazer, envolvimento com o conhecimento e imaginação criadora, refletindo sobre a minha formação de professora, bem como, ao mesmo tempo, vivenciar um processo significativo de aprender a ler e escrever – e como estou aprendendo!

Meu orientador, na metade do meu curso, na disciplina de estágio questionava-me sobre o que eu queria realmente trabalhar na escola, leitura ou escrita? Inicialmente pensar em trabalho de leitura, pensar em um texto, reportava-me ao o que fazer com o texto, quais atividades de escrita, como se tudo na

escola, assim como em sociedade, tivesse que ser pragmático, como se a leitura não pudesse ter um fim em si mesma, por tudo o que pode proporcionar, por seu caráter lúdico, extremamente presente e essencial na faixa etária com que trabalho – crianças de educação infantil e de ensino fundamental (antigas 1ª a 4ª séries). Neste momento comecei a definir realmente o tema a pesquisar.

Zilberman afirma que "não nos cabe esperar que a leitura funcione como atividade auxiliar. (...) A literatura se alimenta do vasto campo das possibilidades humanas, que ela socializa tanto aos que podem alcançá-la por outros meios, quanto aos que estão privados dessa chance. Competiria à escola colaborar para a concretização dessa utopia da arte; não poderia fazê-lo, porém, sem levar em conta o tipo de diálogo que se estabelece entre o público e as obras. Por sua vez, oportunizar sua prática e refletir sobre os modos como ele se efetiva talvez sejam atividades mais que suficientes para legitimar a presença da literatura na sala de aula" (Zilberman, 1989, p.21).

Percebo a necessidade de desenvolver um trabalho significativo e prazeroso com a leitura, no cotidiano escolar, pois acredito que através das atividades de leitura e escrita, o acesso da criança na sociedade será mais democrático, as chances de evasão e exclusão da escola serão menores e talvez, as condições de vida no meio em que vive serão melhores. Tendo em vista que "a escrita, considerada apenas como objeto que se adquire e se pode possuir, funciona como instrumento de poder, como forma de avaliação do saber, como meio de discriminação e dominação. A palavra censura, acusa, deprecia, distancia. A fala de uns silencia outros. Torna-se opaco o fato de que o ser forte só se sustenta em relação ao outro, e que é pelas condições – motivos, momentos dos lugares que cada um ocupa que se assume a posição de forte ou fraco. Nestas condições, a leitura é um privilégio; a literatura, um prêmio. (...) A escola aparece como lugar de conflito, de confronto, e a linguagem se evidencia como construtiva dos sujeitos e das relações, marcando as tensões e as contradições da estrutura social" (Smolka, 1989, p.39).

Acredito, leitor, que o trabalho com leitura deve passar necessariamente pela observação da novidade, desafio e interesse da criança, para o trabalho como imaginário criativo, instrumento de revelação e transformação do real, da mesma. Ao pensar neste trabalho de significação e prazer no cotidiano escolar, preciso considerar um “grande puxão de orelha” de um dos autores que sempre me levam a refletir e crescer como professora, principalmente com relação à leitura: “a questão é saber se a escola, através dos seus professores, oportuniza tempo e espaço para a expressão e partilha das interpretações, dentro de uma atmosfera democrática, livre, não-autoritária. A questão é saber se a escola não pedagogiza o rumo das interpretações, invadindo a subjetividade das crianças e dirigindo-a para o “certo e consagrado. A questão é saber se a escola está interessada em cultivar a imaginação criadora e a sensibilidade das crianças, vistas aqui como capacidades de experimentação e organização da realidade. A questão é saber se a escola adota uma pedagogia dialógica, que procura conhecer e levar em conta as reais necessidades e os interesses concretos das crianças. A questão, enfim, é saber se a escola está decididamente comprometida com o desenvolvimento da criança – desenvolvimento este que lhe prepare adequadamente para a transformação desta sociedade absurda e podre em que vivemos”<sup>1</sup> (Silva, 1989, p.52).

Sei que mesmo tentando fazer o meu melhor, erro no meu trabalho. Percebo isto quando releio os meus primeiros registros de observação das minhas aulas. Porém, percebo também que estou em processo de crescimento, sempre aprendendo e refletindo sobre movimentos, relações, dados e fatos novos. Tenho em mim um sonho e paixão por uma educação e escola melhores. Tento caminhar em minha formação respeitando o meu aluno, tentando encantá-lo com um novo mundo de relações e expressões, onde a leitura e literatura que a literatura constituem fecundo caminho.

Que estas páginas, prezado leitor, possam embalar a mágica aventura da/sobre a leitura. Como questiona Calvino<sup>1</sup>, “quem somos nós, quem é cada um de nós senão uma combinatória de experiências, de informações, de

---

<sup>1</sup> Anotação de aula, da disciplina EP153 – Metodologia do Ensino Fundamental – Segundo semestre de 1999, da Professora Corinta Geraldi.

leituras, de imaginações? Cada vida é uma enciclopédia, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis" ...

Sem mais, no momento,  
Carinhosamente,  
Joselane.

***1 – Era uma vez um menino maluquinho: leitura – prazer –  
escola – formação.***

**CANÇÃO PARA OS FONEMAS DA ALEGRIA**

*Thiago de Mello*

*Peço licença para algumas coisas,  
Primeiramente para desfraldar  
este canto de amor publicamente.*

*Sucedede que só sei dizer amor  
quando reparto o ramo azul de estrelas  
que em meu peito floresce de menino.*

*Peço licença para soletrar,  
no alfabeto do sol pernambucano,  
a palavra ti-jo-lo, por exemplo,*

*e poder ver que dentro dela vivem  
paredes, aconchegos e janelas,  
e descobrir que todos os fonemas*

*são mágicos sinais que vão se abrindo  
constelação de girassóis gerando  
em círculos de amor que de repente  
estalam como flor no chão da casa.*

*Às vezes nem há casa: é só chão.  
Mas sobre o chão quem reina agora é um homem  
Diferente, que acaba de nascer:*

*Porque unindo pedaços de palavras  
aos poucos vai unindo argila e orvalho,*

*tristeza e pão, cambão e beija-flor,*

*e acaba por unir a própria vida  
no seu peito partida e repartida  
quando afinal descobre num clarão*

*que o mundo é seu também, que o seu trabalho  
não é a pena que paga por ser homem,  
mas um modo de amar – e de ajudar*

*o mundo a ser melhor. Peço licença  
para avisar que, ao gosto de Jesus,  
este homem renascido é um homem novo:*

*ele atravessa os campos espalhando  
a boa-nova, e chama os companheiros  
a pelejar no limpo, frente a frente,*

*contra o bicho de quatrocentos anos,  
mas cujo fel espesso não resiste  
a quarenta horas de total ternura.*

*Peço licença para terminar  
soletrando a canção da rebeldia  
que existe nos fonemas da alegria:*

*canção de amor geral que eu vi crescer  
nos olhos do homem que aprendeu a ler.*

Este poema, homenagem que o Poeta faz a Paulo Freire, faz refletir sobre o homem que ao redescobrir o mundo através da leitura e escrita, pede licença para se expor, para dizer o que pensa, como se não tivesse o direito de também ser cidadão, sem precisar pedir para fazê-lo. De maneira mágica, este

homem simples, que da vida conhece o mais nobre dos sentimentos, o amor, renasce para uma outra vida, agora alfabetizado, frente a milhares de possibilidades, de relações, de descobertas que o mundo da leitura e escrita poderá lhe proporcionar.

Escrevo, neste momento do capítulo, sobre alfabetização e letramento, por fazer relação com o processo de leitura, de formação e principalmente, com a possibilidade de realização de um trabalho significativo e prazeroso na escola. O analfabetismo, socialmente, mutila a vida. A pessoa, por mais sensatez, experiência, dignidade e ternura que tenha, se analfabeta, é uma excluída social, dependente para viver. Daí o poeta Thiago de Mello ter visto crescer, nos olhos do homem que aprendeu a ler, uma canção de amor geral...

Se pensar a formação da criança, do homem e da mulher, penso em uma educação comprometida com a realidade do estudante e suas possibilidades de transformação do meio e condições de vida. Sinto a necessidade de estabelecer qual educação quero para esse estudante antes de dizer qual trabalho de leitura. Assim, abordarei, mesmo que brevemente, o tema alfabetização.

A escola ainda representa para uma grande maioria pobre brasileira, a única oportunidade de participação mais ativa socialmente. Como afirma Paulo Freire (1994), ser alfabetizado é tornar-se capaz de utilizar a leitura e a escrita como meio de tomada de consciência e possibilidade de transformação da realidade. E é neste contexto que me interessa estudar/ pesquisar a leitura. Após estas palavras iniciais, estarei apresentando uma breve experiência de estágio e algumas relações entre leitura – prazer – escola- formação.

Para refletir um pouco sobre o conceito de alfabetização e letramento, gostaria de iniciar resgatando Paulo Freire em sua obra "Educação como prática de liberdade", onde defende uma postura de educação comprometida histórica, econômica, social e politicamente com a realidade do aluno que está se alfabetizando. Freire concebe a educação como possibilidade de formação integral do homem e de transformação social, permitindo condições mais justas

e democráticas de vida. Para tanto, propõe repensar a postura do professor e práticas pedagógicas, colocando o diálogo como atividade pedagógica por excelência, sendo possível, somente através dele, crer e dar significado à liberdade, democracia e justiça, tornando a palavra geradora, instrumento de uma transformação global do homem e da sociedade.

O referido autor deixa claro que, para que o diálogo exista, é preciso que ninguém, numa democracia, seja excluído ou posto à margem da vida nacional. Tão importante quanto dar atenção às exigências pedagógicas é assumir uma posição política: uma educação como prática da liberdade só poderá se realizar plenamente numa sociedade onde existam as condições econômicas, sociais e políticas de uma existência em liberdade. Afirma que superado o discurso vazio e o verbalismo vazio sobre a educação, instaura-se uma pedagogia que se inicia pelo diálogo, pela comunicação, por uma nova relação humana que possibilita ao próprio povo a elaboração de uma consciência crítica e ativa do mundo em que vive.

A participação livre e crítica dos educandos é um dos princípios essenciais para a estruturação do círculo da cultura, unidade de ensino que substitui a escola autoritária por estrutura e tradição. O círculo da cultura é peça fundamental no movimento da educação popular, funcionando através de um coordenador e algumas dezenas de homens do povo no trabalho comum pela conquista da linguagem.

Em sua proposta de trabalho, antes da organização do círculo da cultura, Freire propõe o trabalho de levantamento do vocabulário, com o objetivo de máxima interferência do povo na estrutura do programa. Ao educador cabe registrar e selecionar este vocabulário em termos de freqüência, relevância como significação vivida e tipo de complexidade fonêmica que estas palavras básicas possam apresentar. Estas palavras, fortemente significativas, carregadas de experiências vividas e comuns na linguagem do povo serão bases para, a partir delas, o alfabetizando descobrir sílabas, letras, suas relações e com isso, gerar novas palavras e discussões.

Vários educadores, poetas e escritores têm denunciado as precárias condições do Brasil quanto à educação e meios sociais de existência. Gabriel, o Pensador, em sua música "Brazuca"<sup>2</sup>, por exemplo, nos afirma que o Brasil é campeão da hipocrisia, da violência, da humilhação, ignorância, desespero, desnutrição, covardia, miséria, corrupção, abandono, fome e prostituição. E o Estado, a política educacional, a educação, a escola, o ensino, a aprendizagem, o aluno, o professor... Como ficam neste contexto? O que podem para extinguirem das histórias de formação escolares de um grande número de brasileiros, o fracasso, as desistências, os abandonos, os sofrimentos, a falta de acesso, de compreensão e de qualidade?

Sobre o fracasso escolar e sua relação com a alfabetização, "a escola representa para as crianças humildes, talvez, a única oportunidade de uma participação mais ativa socialmente. Apesar do crescimento econômico, não resolvemos a educação básica para a maioria da população. A escola é lugar de transmissão dessa ideologia através do controle dos conteúdos dos currículos, programas e livros didáticos e pelas relações sociais e práticas educacionais concretas que ocorrem em seu contexto. A escola é espaço de conflito e confronto de diferentes interesses sociais, torna-se um espaço político pedagógico pela ação consciente dos educadores comprometidos com as transformações sociais necessárias. O fracasso escolar depende de fatores sócio-econômico-políticos. Cabe aos educadores criarem, desenvolverem, proporem novas formas viáveis e efetivas que atendam aos interesses e necessidades da maioria – escola democrática.<sup>3</sup>" Complementaria que cabe ainda ao educador lutar por uma política de educação mais justa e por melhores condições profissionais. Mas o professor pode sim fazer a diferença por uma educação mais alegre, significativa e envolvente mesmos nas diferentes dificuldades que enfrenta.

Da sugestão e possibilidade de uma alfabetização e educação efetiva, transformadora e apaixonada, feita por Paulo Freire, para o questionamento e

---

<sup>2</sup> A música Brazuca encontra-se em anexo.

<sup>3</sup> Anotação de aula da disciplina EP 154 – Fundamentos de alfabetização da Professora Norma Sandra de Almeida Ferreira, cursada no ano de 2000.

exposição da dura realidade da vida social da maioria dos brasileiros através de “Brazuca” ou a reflexão sobre o fracasso escolar e as possibilidades da escola, de Patto (1990), considero importante, nesta tentativa de reflexão sobre a alfabetização para a vida, trazer para este texto, a autora Magda Soares e os conceitos sobre letramento.

Para Soares (1998), o conceito de letramento envolve um conjunto de fatores que variam de habilidades e conhecimentos individuais a práticas sociais e competência funcionais, associados a valores ideológicos e metas políticas. O letramento cobre uma vasta gama de conhecimentos, habilidades, capacidades, valores, usos e funções sociais, envolvendo sutilezas e complexidades difíceis de serem contempladas em uma única definição.

Na dimensão individual, letramento é visto como um atributo pessoal, envolvendo a aprendizagem da leitura e da escrita, que são concebidos como processos diferentes. É considerado que, para escrever bem é preciso escrever muito, bem como, para ler bem, haver intensidade de leitura; a leitura significa diferentes habilidades de codificar, organizar pensamento em idéias, utilizar anáforas, desenvolver argumentos, interpretar linguagens figuradas; a escrita, também utiliza diferentes habilidades, inclui a imaginação do leitor pressuposto, as habilidades de leitura estão relacionadas a leitura de diferentes materiais e em diferentes situações. É a dimensão de mérito pessoal, subjetiva, que exige habilidades e metas cognitivas (metacognitivo: refletir sobre como identificou determinado pensamento).

Na dimensão social, dividida em fraca e forte, letramento é concebido como um fenômeno cultural, um conjunto de atividades sociais que envolvem a língua escrita, e de exigências sociais de uso desta língua. A dimensão social fraca, caracterizada por liberal funcional progressista, se dá através de habilidade de leitura e escrita relacionada com práticas sociais, representa usos sociais da leitura/escrita de acordo com demandas sociais: ex. na religião, cidadania, profissão, etc. Viabiliza a adaptação, adequação e funcionamento do indivíduo num contexto de práticas sociais, é centrada no indivíduo, traz a idéia de

mobilidade social inerente, bom emprego, progresso, desenvolvimento cognitivo; concebida como instrumento neutro.

Na dimensão social forte, letramento significa o “conjunto de práticas socialmente construídas que envolvem a leitura e a escrita, geradas por processos sociais mais amplos, responsáveis por reforçar ou questionar valores, tradições e formas de distribuição de poder presentes nos contextos sociais” (Soares, 1998, p. 74). Representa um modelo ideológico que resume as práticas sociais e concepções de leitura e escrita, significação política e ideológica, um conjunto de práticas de leitura e escrita que resultam de uma concepção do quê, como e por quê ler e escrever, realizadas num determinado contexto, hierarquizadas, carregadas de valores.

Apesar da complexidade das definições, na dimensão social forte, temos a proposta mais apaixonante e comprometida, de estar relacionando educação e sociedade, valorizando o homem como um todo. Nesta dimensão, Paulo Freire (1994) afirma que ser alfabetizado é tornar-se capaz de usar a leitura e a escrita como um meio de tomar consciência da realidade e transformá-la. Através do papel do letramento pode ser promovido ou a libertação do homem ou sua domesticação, dependendo do contexto ideológico em que ocorre.

Soares (1998) afirma que tão importante quanto tentar definir letramento é a necessidade de buscar constante avaliação e medição do mesmo, única forma de obter dados para fins práticos e teóricos sobre o fenômeno: o índice de letramento de uma sociedade ou grupo social é um dos indicadores básicos do progresso de um país ou comunidade, viabilizando comparações e análises com relação a dados econômicos e sociais. Os índices são imprescindíveis para a formulação de políticas e planejamento, implementação e controle de programas de letramento e bem estar social em geral.

Para relacionar e significar escrita, alfabetização e letramento, Tfouni (1995) afirma que estão todos intimamente ligados. Considera o sistema de escrita como um produto cultural, e a alfabetização e o letramento como processos de aquisição de um sistema escrito. Para a autora, a alfabetização refere-se à

aquisição da escrita enquanto aprendizagem de habilidades para leitura, escrita e as chamadas práticas de linguagem; o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição da escrita.

Longe de pensar a alfabetização como mero processo de aprendizagem de leitura e escrita, e letramento como os usos sociais destas habilidades, considero a alfabetização como direito humano e vejo a necessidade da existência de uma educação comprometida com este ser humano, que forneça os meios para um desenvolvimento integral, que viabilize a aprendizagem da leitura e da escrita constantes em toda a vida social deste aluno, onde a pessoa, através do contexto escolar, muito mais que assinar o nome ou funcionar socialmente, de forma autônoma, consciente e crítica, esteja inserida cultural, política, econômica e socialmente para transformar seu meio, viver plenamente e conquistar seus objetivos.

*CONVITE*

*José Paulo Paes*

*Poesia*

*é brincar com palavras  
como se brinca  
com bola, papagaio, pião.*

*Só que*

*bola, papagaio, pião  
de tanto brincar  
se gastam.*

*As palavras não:*

*quanto mais se brinca  
com elas  
mais novas ficam.*

*Como a água do rio  
que é água sempre nova.*

*Como cada dia  
que é sempre um novo dia.  
Vamos brincar de poesia?*

Considero o processo de alfabetização e educação, como um movimento intimamente ligado com a vida e suas mais variadas relações, que envolve o interesse e a realidade do educando como elemento motivador e desencadeador do processo ensino-aprendizagem.

Neste momento, aproveito o 'convite' de José Paulo Paes, de brincar com palavras e poesia, para continuar a reflexão deste capítulo. A leitura e a escrita na escola e conseqüentemente, na vida, ficam comprometidas em função de uma educação de tantos rituais e normas para fazê-los. Ambas deveriam ser mais bem exploradas e vividas no cotidiano escolar por lidarem com um mundo de relações, de possibilidades de conversas com a memória, com os sentimentos, com o outro, com fatos, com a vida.

Depois de quase três anos pensando sobre a leitura na escola, minha formação inicial de professora, a escola e o seu cotidiano, o prazer e a alegria na educação; a leitura e o prazer na escola foram se unindo, numa relação promissora e fecunda, que o título do meu TCC vem sugerindo como: "o prazer à luz de três histórias". Histórias de quem? Quais? Somente três? Tantos autores, relatos e experiências vividas...

Minha amiga Salete Aguiar foi incisiva no decorrer do curso para apontar e questionar: "e o título do seu TCC? Você tem o tema, então defina o título!" E Marques (1997) relaciona o título de um texto com a configuração do que queremos e vamos procurar no texto escrito, com o começo da obra e de cada parte com seus subtítulos. Aprendi com este autor que o título viabiliza a escrita

e constitui-se num primeiro passo para as muitas surpresas e descobertas do processo de pesquisa e escrita da mesma.

Para escrever, ler, viver o prazer no cotidiano escolar falta tempo ou falta paixão?

Ao lembrar de coisa chata, imposta, obrigatória, ditada no cotidiano da linguagem oral e escrita, no contexto escolar, penso no tormento que pode se transformar a possibilidade do prazer e envolvimento com a atividade de leitura. Questiono também algumas inquietações que tenho passado no trabalho, como cobrança exaustiva de disciplina das crianças, de fala baixa, ordem, impossibilidade de duas turmas brincarem juntas no parque, cumprimento de conteúdos... A leitura e educação como descoberta, construção, farra, bagunça, curiosidade, vida pulsante, etc, acabam, às vezes, não acontecendo.

Uma linguagem pode castrar ou fecundar nossa imaginação. Depende do uso que dela fazemos. Desculpe minha presunção, mas espero que, como eu, você leitor, também possa aproveitar algumas coisas deste texto, vivenciando uma experiência de caráter aventureiro e prazeroso!

"Inventei de mexer com quem estava quieto, puxei conversa, dei-me ao atrevimento de cutucar onças com vara curta. Agora aqui estou, meio atordoado por tantas vozes, incerto de meus próprios caminhos, mas desejoso de trazer mais vozes à mesa de nossa interlocução. Estou consciente de que a folha que dá suporte ao escrever o dará também a muitas leituras, divergentes, diferentes, isto é, que levem a muitos sentidos, contraditórios até. Em todo caso, divertidos, na dupla acepção que o Aurélio me autoriza. Do texto escrito cada leitor prazerosamente poderá fazer as leituras que quiser, as suas leituras, outras tanto das do escrevente, quanto das dos demais leitores" (Marques, 1997, p.25)

A leitura e a escrita que poderiam configurar-se como gratificantes e provocativas podem não passar de tarefa penosa e paralisante, dependendo

da postura assumida no contexto escolar. Precisamos tomar cuidado para não retirar o gostoso, o prazer de viver a atividade em nome de cobranças dos estudantes sobre propostas estéreis. "A ciência posta no círculo férreo da própria lógica esteriliza e mata a vida. Mas os homens não querem morrer. Apegam-se às humildes sementes escondidas na poesia, na arte, no encanto das crianças, nas esperanças dos jovens, em suas próprias utopias. Apela à mágica que faça ressurgirem por toda parte as razões para viverem num mundo renovado pela fantasia da vida boa para todos, da inteligência compreensiva e comprazida. Descubrem chegada a hora da volta às origens, da reconciliação consigo mesmos, com os outros e com as coisas, do regresso à criança maravilhada e comprazida nas belas coisas da vida, e sonhadora".(idem, p.53) É necessário nos preocuparmos com essa possibilidade de magia e encantamento no processo de desenvolvimento do conhecimento! A leitura é um movimento de prática criadora, produtora de sentidos singulares. Que a leitura e a escrita não frustrem, ao contrário, que viabilizem a leveza para que o indivíduo não seja tolhido e sim, continue capaz de pensar com sensatez, de ter idéias expressas e de agir transformando seu meio.

Pensando a leitura como uma grande possibilidade de relação, descobertas, criações, de experiências da vida e do mundo, começo a contar a história de muitas meninas e meninos 'maluquinhos' que conheci na vivência de estágio, realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental, Jardim Boa Esperança, localizada na cidade de Hortolândia-SP. O bairro é originado de um assentamento, misto em sua organização física: casas humildes, já construídas e uma grande favela nas proximidades da escola. A violência é marca característica da região, com a população convivendo com o medo e até a vontade de sair do lugar devido à criminalidade e ao tráfico infiltrado. O trabalho foi desenvolvido por mim, como estagiária e pela professora titular da 4ª série A, com 38 alunos, ambas em processo de formação, cursando Pedagogia no período noturno, utilizando os livros do projeto Leia Brasil e outros materiais comprados ou emprestados em Bibliotecas, como livros de literatura infantil, contos de fadas, fábulas, músicas, poesias, etc.

O Leia Brasil, projeto patrocinado pela Petrobrás, propunha para seu programa de leitura no ano de 2000, o tema “o cotidiano – ler com os olhos livres”, pretendendo demonstrar que não há temas banais, mas formas banais de abordagem, que independente do tema devem ser evitadas. Com uma biblioteca volante que visitava a escola uma vez por mês, emprestava sete livros, escolhidos por classe para o trabalho. Em algumas salas, os professores não utilizavam o material, escolhiam os livros por obrigação, guardavam no armário e devolviam no mês seguinte. Porém, nas salas que realmente desenvolviam o trabalho, sentia-se a necessidade de ao menos um livro por aluno, o que infelizmente não ocorria.

Antes da vivência do projeto através do estágio, diariamente, no início das aulas, a Professora da turma lia um conto, fábula ou poema. Segundo a mesma, no começo os alunos ouviam mas não comentavam nada, depois começaram a perguntar o significado de algumas palavras e, no final de março eles já discutiam sobre a história, tendo alguns contando outras histórias que tinham visto ou ouvido.

Concordando com Ruth Rocha (1983) que “... a escola é, às vezes, a única oportunidade que as crianças têm de entrar em contato com a leitura. Se a gente contar o número absoluto de crianças que lêem ou que tiveram acesso à leitura, vai ver que um grande número teve acesso à leitura através da escola”, tive como objetivo de trabalho neste projeto, incentivar o hábito de leitura para a formação de um leitor participativo, criativo e crítico, pois ler e escrever tornam-se sem sentido para a criança se ela não perceber o porquê está aprendendo a ler e escrever.

Pensando a palavra oral e escrita como redimensionadora das possibilidades da ação humana no mundo e a leitura não como simples hábito mecânico, mas como uma atividade que proporciona a possibilidade de (re) significar experiências, de prazer, de transformação dos indivíduos e das relações, resolvi trabalhar com leitura em sala de aula, por saber como é importante o ser humano não ser mero decodificador de símbolos, e sim um leitor que se apropria dos textos e consegue dar significado a eles. Conversando com a

professora da sala, percebi que também era sua inquietação de trabalho desde o início do ano, por perceber que os alunos estavam alfabetizados mas não sabiam ler. Decodificavam os símbolos mecanicamente, como algo exterior a eles. Era preciso encontrar uma forma de tornar o ato da leitura parte deles.

Ao afirmar a necessidade do prazer no desenvolvimento do trabalho, tomo as afirmações: é preciso cuidado “para não vacinar a criança contra o hábito de leitura” – (Rocha, idem) e, “se estudar não fosse quase sempre um fardo, se ler não fosse uma obrigação amarga a cumprir, e, pelo contrário, estudar e ler fossem fontes de alegria e de prazer, de que resulta também o indispensável conhecimento com que nos movemos melhor no mundo, teríamos índices melhor reveladores da qualidade de nossa educação.” (Freire, 1994).

Relacionando o prazer na leitura com uma educação significativa, envolvente, de qualidade, que represente uma escola realmente democrática e possível, comecei a definir o que estaria fazendo na ‘4ª A’ naquela oportunidade de estágio e delinear caminhos para a construção deste TCC.

A leitura me representa um grande movimento de possibilidades, de descobertas, de relações individuais e com o grupo em que se vive, de troca, de reflexão (ou alienação, dependendo da postura) sobre o mundo, de (re) significações, encantamentos, prazer, formação, indignação, construção de diferentes olhares. É uma atividade humana complexa e fascinante de interação com/ no mundo. Daí a importância do estudo e trabalho comprometido com a leitura, pois desta mediação dependerá estabelecer qual aluno, qual educação, qual relação com a produção do conhecimento, qual formação estará se desenvolvendo no cotidiano escolar. Preciso considerar que é de fundamental importância associar ao trabalho de leitura o processo de levantamento da e postura do aluno, não desprezando seu pensamento e reflexão, para que a passividade não se instaure e os processos de alienação não sejam hegemônicos no trabalho em sala de aula.

PARAÍSO

*José Paulo Paes*

*Se esta rua fosse minha,  
eu mandava ladrilhar,  
não para automóvel matar gente,  
mas para criança brincar.*

*Se esta mata fosse minha,  
eu não deixava derrubar.  
Se cortarem todas as árvores,  
onde é que os pássaros vão morar?*

*Se este rio fosse meu,  
eu não deixava poluir.  
joguem esgotos noutra parte,  
que os peixes moram aqui.*

*Se este mundo fosse meu,  
eu fazia tantas mudanças  
que ele seria um paraíso  
de bichos, plantas e crianças.*

Imaginando a emoção de crianças, plantas e bichos na relação com um mundo melhor, mais humano, com uma escola de múltiplas possibilidades de realizações e vivências, lembro dos relatos da Professora Juracema, minha amiga de turma, onde logo estaria também trabalhando como estagiária, sobre as conquistas dos alunos: o primeiro sinal de progresso foi percebido quando dado um texto sem pontuação, eles perceberam que a mesma representava uma emoção e poderia dar vários sentidos ao que se lia.

Com a Professora Juracema, utilizando revistas doadas para a escola (Veja, Istoé, Ciência Hoje...), as crianças iam pegando de cima de uma carteira vazia, lendo e trocando informações uns com os outros. Quando trabalharam o tema "Brasil 500 anos", eles liam os textos em silêncio, depois comentavam, comparavam com outros textos e discutiam inclusive os problemas enfrentados por eles ali no bairro em formação.

No mês de junho aconteceu algo de grande alegria: os alunos estavam juntando jornal para trocar por louças que seriam vendidas na festa junina. As crianças pegaram o jornal e começaram a ler as notícias. Ficaram tão alvoroçadas mostrando uns para os outros as coisas que achavam interessantes, que de repente começaram a recortar as notícias. Então combinaram que deveriam fazer um mural e que os jornais da semana (Todo Dia, Diário do Povo e Folha de São Paulo) fariam parte de seus cotidianos.

Lendo o jornal, eles discutiram sobre eleição, sobre a inauguração da Estação de Tratamento de Água que fica no bairro, olimpíadas, a nova invasão em um terreno próximo ao Boa Esperança (quando viram esta reportagem, ficaram quase malucos ao reconhecerem amigos e parentes nas fotografias), as eleições dos Estados Unidos, o sumiço do juiz "lalau", etc.

Finalmente, em junho começou o projeto de leitura com a minha participação. Como os alunos já haviam participado do projeto Leia Brasil no ano anterior, ao verem o caminhão foram perguntando pela ficha de leitura. Explicamos que não usaríamos as tais fichas com as perguntas do tipo nome do livro, nome do autor, parte de que você mais gostou, o que o autor falou de tal personagem, etc.

No dia das visitas, fazíamos oficinas na escola. No mês de agosto, o tema escolhido foi o folclore. Pedimos para as crianças pesquisarem e trazerem para a aula "causos", lendas, músicas, piadas, frases de caminhão, etc. Eles iam trazendo e contando para os colegas. Planejamos preparar cartazes com versos, desenhos e contos, além de fazer pipas e bonecas de pano.

O caminhão chegou, pegamos os livros, entre eles “Mitos e Lendas” (1994). Eu também havia levado um livro de lendas e outro de músicas de roda. As crianças ficaram perplexas, pareciam que não acreditavam no que estavam lendo: as histórias contadas pelos pais, avós, tios, estavam naqueles livros! A alegria era imensa ao descobrirem que o saber de casa era tão importante que estava nos livros, foi um momento muito significativo...

Outro momento de emoção foi com a visita da escritora Sonia Barros, promovendo os livros “O que é que eu faço Afonso” e “Meu Bichinho de Estimação”. Eles queriam saber se para ser escritora era necessário trocar de nome, como ela descobriu que queria ser escritora, se as histórias eram verdadeiras ou eram imaginárias. Quanto mais ela respondia, mais eles perguntavam. A partir deste dia, muitos sonham em ser escritores...

Trabalhamos com o livro “O Menino Maluquinho”, de Ziraldo, onde contamos a história até a metade do livro, discutimos e propusemos a criação de um “personagem maluquinho” – desenhado e escrito.

Na lousa, com a participação da turma, escrevemos as características do menino maluquinho: doidinho – sapeca - para a Sandra (não é bom, porque não é quieto) – faz arte – esperto – bagunceiro – tem o olho maior do que a barriga – tem fogo no rabo; além do banco de palavras (informação solicitada pelos alunos para a escrita correta: praça – problema – lição – atrás – Jenifer – apanhar – agüentava – explodiu – tinha – entra – piscina – enjoou – buldogue. Neste encontro, levei também fitas K-7 com clássicos de histórias infantis para ouvirmos.

Trabalhamos ainda com o livro do “Menino Maluquinho” – continuação e término da leitura. Desenvolvemos as atividades: produção de um texto, segundo um roteiro entregue, falando sobre si; leitura e canção da música “Maria, Maria”, de Milton Nascimento; passeio pela escola para adoção de uma árvore pela classe.

Vivemos momentos de leituras livres, onde utilizamos diversos materiais: caixas com almanaques, livros de Perrault, Grimm, Andersen, mitos, fábulas de Esopo, Zoom e Poesias para brincar. As crianças se espalhavam livremente pela sala para ler. Tais atividades eram sempre barulhentas, curiosas e produtivas. As crianças mostravam ilustrações, riam das histórias, comentavam acontecimentos, trocavam livros entre si. Oportunidade em que pudemos construir, a partir das relações percebidas e curiosidades vividas, nossas próximas atividades.

Em outro encontro, o tema desenvolvido foi "Brincando com palavras". Pensando em trabalhar com o livro "Poemas para brincar", de José Paulo Paes, conversamos com a turma sobre a poesia como uma proposta de brincar com a palavra, de usar e abusar de possibilidades de escrever, dizer, ler; sentir. Fiz uma apresentação do livro e autor, leitura de alguns poemas e uma relação na lousa de algumas palavras faladas por eles para começarmos nossa "brincadeira": gente, cor, armário, geladeira, paz, natureza, árvore, coração, macaco, alegria, palhaço, planta, flor, carinho, criança, amizade, cadeira, amigos, casa, brincar, pássaro, cachorro, África, limpeza, Japão, violência, liberdade, sinceridade. Planejamos uma produção escrita, com textos e desenhos sobre o tema "O mundo em que eu vivo", utilizando algumas das palavras da lousa.

As produções foram as mais diversas, a participação foi grande. Enquanto produziam, o livro de José Paulo Paes ficou circulando pela sala, para que todos tivessem contato com as poesias e as ilustrações que são lindas e dizem muito. Combinamos uma "MANHÃ DE SARAU NA 4ª A". Pedimos que trouxessem: poesias, letras de música, CD's ou fitas para ouvirmos.

E finalmente o "Sarau"... Surgiram vários caderninhos de versos, um livro de poesia do Pedro Bandeira, CD's e fitas... Levamos o livro "Poemas para brincar" e letras de músicas. Fizemos um círculo na sala, conversamos sobre como seria nossa "festa da palavra" e começamos, intercalando sessões de leituras com sessões de músicas.

À medida que os ritmos musicais esquentavam, as participações nas leituras de poemas, versos ou mensagens ficaram maiores e mais soltas. Curtimos Gabriel o Pensador, Milton Nascimento, Toquinho, Elis Regina, Sandy e Júnior, Leandro e Leonardo e Pe. Marcelo Rossi. Esta seleção compôs o repertório musical, sendo os três últimos a ponte de ligação e animação do dia. A “festa da palavra” foi uma delícia! A participação foi grande!

Em nossos últimos encontros, pedi aos alunos, que fizessem uma avaliação do nosso trabalho, com críticas e sugestões. Disse que não precisariam escrever seus nomes na avaliação: escreveram o que acharam, colocaram mensagens, agradecimentos, incentivos e assinaram em baixo! Foi um retorno maravilhoso!

Ouvíamos de alguns professores o quanto não gostavam da clientela com que trabalhavam, que são crianças difíceis, sem educação, que no próximo ano gostariam de trabalhar em outras escolas, em bairros melhores, etc. Discurso este, também externado por alguns colegas de Pedagogia, nas múltiplas reclamações de estágio em outras escolas... Terminamos este processo de estágio com beijos e abraços da 4ª A, com a certeza do quanto é decisivo e poderoso o respeito, o incentivo, o ouvir e ser ouvido, e o compromisso de uma professora com seus alunos, independente das condições de vida e classe social!

A partir deste trabalho proposto por mim, uma professora em formação, questiono se consegui, através das atividades relacionadas e relações vividas, dar significado ao ato da leitura, ao prazer, à formação e à escola. Qual leitura, prazer, formação e escola foram vividos? Ao menos a inquietação por uma escola melhor, democrática e possível começaram a criar raízes aqui...

Neste relato, tentei apresentar um pouco do que foi o projeto e dos muitos movimentos que se entrecruzaram para instigar a minha busca de informação e reflexão. Saio desta experiência com alguns questionamentos muito claros para a continuidade de estudo, e dentre eles: como pensar a leitura prazerosa como prática para a minha formação docente? Como, vivendo o fracasso

escolar tão de perto, estudar, refletir e estruturar um processo de alfabetização que não exclua, incorporando o diferente e especial, em todas as conotações que os termos possam sugerir?

*MARIA, MARIA*

*Milton Nascimento e Fernando Brant*

*Maria, Maria,  
É um dom, uma certa magia  
Uma força que nos alerta  
Uma mulher que merece viver e amar  
Como outra qualquer do planeta.  
Maria, Maria,  
É o som, é a cor, é o suor  
É uma dose mais forte, lenta  
De uma gente que ri quando deve chorar  
E não vive, apenas agüenta.  
Mas é preciso ter força  
É preciso ter raça  
É preciso ter gana sempre  
Quem traz no corpo uma marca,  
Maria, Maria,  
Mistura amor e alegria.  
Mas é preciso ter manha  
É preciso ter graça  
É preciso ter sonho sempre  
Quem traz na pele essa marca  
Possui a estranha mania de ter fé na vida.*

Depois de ter vivido a experiência de ler e ouvir o menino de Ziraldo e ter criado um 'maluquinho' particular, um sonho de expectativas idealizadas em um menino, vivemos também a oportunidade de cantar e conhecer uma certa

menina, mulher, Maria, com força, raça, manha e graça, alegria na dureza, sonho e luta na realidade, muito presente nas crianças que conheci ali...

Dentre as muitas contribuições que este projeto possa suscitar, a mais importante para mim, foi tentar compreender a situação de estar na escola, percebendo seus movimentos, suas histórias, suas constituições e refletir sobre a formação do trabalho docente e mais especificamente sobre o trabalho com leitura.

Como aprendi com estas crianças! Nos marcamos em nossa relação! Fiquei sabendo pela Juracema que os alunos estão desenhando suas atividades, como o menino maluquinho; escolheram o livro "A professora Maluquinha" de Ziraldo para lerem no projeto "Leia Brasil", fizeram um teatrinho na sala, imitando meus trejeitos de ser professora e estagiária, escrevem poesias em tudo e sempre esperam por novos encontros. Aliás, minha ida somente quinzenal na escola foi a maior crítica dos alunos na avaliação. Nela, uma aluna questionou-me se eu havia gostado dos encontros, da escola e se gostaria de voltar. Perguntas pertinentes, tendo em vista possibilidades de discriminação ou descaso a que estão sujeitos constantemente. Algumas respostas... Gostei muito: quanta energia! Esses alunos despertaram em mim uma gana para leituras e descobertas sobre as possibilidades do trabalho docente, que talvez todo o curso de Pedagogia não poderiam fazê-lo. Considero também ter contribuído e alcançado os objetivos a que me propus no projeto de estágio.

- ✕ Considero a necessidade de uma educação comprometida com o ser humano, fornecendo-lhe meios para um desenvolvimento integral, através de uma escola possível, democrática. É preciso prazer e paixão no trabalho com educação para que a criança, homem ou mulher, que estejam em relação com sua formação, com o desenvolvimento do conhecimento, envolvam-se ativamente neste processo e cresçam nele. Caso contrário, como professora em formação, estarei colaborando diretamente para excluir da escola e da sociedade muitos cidadãos de sonhos, desejos e potencialidades.

A leitura, pode formar, deformar, transformar, propiciar a imaginação criadora do sujeito leitor. Somos a nossa leitura, uma possibilidade de experiências onde tudo pode ser revivido e reorganizado sempre. A leitura de textos, de relações, de vivências, de movimentos e mundos, toca, sensibiliza, cria. Através dela estou me descobrindo como professora em formação, curiosa, inquieta, fazendo 'cacas' e coisas 'gostosas'!...

**II – E apareceu a Linéia no Jardim de Monet: leitura e prazer na escola – compreendendo-me professora.**

*BOLA DE MEIA, BOLA DE GUDE*

*Milton Nascimento*

*Há um menino, há um moleque  
Morando sempre no meu coração  
Toda vez que o adulto balança  
Ele vem para me dar a mão.  
Há um passado no meu presente  
Um sol bem quente lá no meu quintal  
Toda vez que a bruxa me assombra  
O menino me dá a mão.  
E me fala de coisas bonitas,  
que eu acredito que não deixarão de existir:  
amizade, palavra, respeito, caráter, bondade, alegria e amor.  
Pois não posso, não devo, não quero  
Viver como toda esta gente insiste em viver.  
Não posso aceitar sossegado qualquer sacanagem  
Ser coisa normal.  
Bola de meia, bola de gude  
O solidário não quer solidão  
Toda vez que a tristeza me alcança  
O menino me dá a mão.  
Há um menino, há um moleque  
Morando sempre no meu coração  
Toda vez que o adulto fraqueja  
Ele vem para me dar a mão.*

A criança que quer manter-se viva em mim, talvez represente a primeira afinidade para a escolha da faixa etária com que trabalho atualmente, quatro a

seis anos, na Educação Infantil. Criança que me socorre, anima, ensina, provoca, contagia, me faz querer conhecer mais. Que é razão da crença numa escola e educação melhores e possíveis, que testemunha sim, através de conflitos, num grande movimento, a amizade, palavra, respeito, caráter, bondade, alegria e amor.

Também através de uma criança, inicio uma das histórias que vivemos neste ano de 2002.

Linéia, que adora flores, tinha um amigo, seu Silvestre, jardineiro aposentado, que por paixão a arte e plantas, esteve no jardim de Monet. Ele possuía um livro super interessante com fotos antigas deste famoso artista, de sua mulher e filhos, de sua casa com imenso jardim, hoje transformada em museu... Linéia adorava ler este livro e perguntar, perguntar e perguntar...

No desenrolar da história, não é que Linéia e seu Silvestre conseguiram ir à Paris, conhecer de pertinho este mundo de Monet! Ah! Mas os alunos da Fase VI-A<sup>4</sup> e Professora Josi, só não foram para lá, mas também viveram uma deliciosa aventura....

Utilizando o livro Linéia no jardim de Monet, de Christina Björk, traduzido por Ana Maria Machado, lemos, criamos, imaginamos e experienciamos um mundo de arte vivido por Monet e por nós. Este artista impressionista, apaixonado pela natureza, principalmente por seu jardim, retratou este tema em diversas de suas obras em diferentes horários e situações.

Nós também: construímos um livro sobre a vida e obra de Monet, incluindo nossas observações e vivências sobre o jardim lindo e enorme da nossa escola, o jardim das nossas casas, das avós, tias, praças, e finalmente vivemos uma releitura de Monet.

---

<sup>4</sup> Alunos da Escola de Educação Infantil 20 do SESI de Americana/SP. Fase VI corresponde a crianças de seis anos, em outras localidades denominada Pré-escola.

Esta atividade, vivida por nós em algumas semanas, incluía o passeio pelo jardim da escola, observando mais detalhadamente as plantas e bichinhos que o constituem, recolhimento de folhinhas, sementes, flores e outros materiais caídos pelo chão para colagem no livro que construímos, leitura e exploração das imagens do livro da "Linéia", leitura de textos sobre as obras do artista, e, pintura da releitura de algumas telas do mesmo.

Após mais ou menos um mês, nossa sala de aula transformou-se num jardim, perfumada com velas aromáticas, acesas na meia luz das cortinas fechadas, decorada com diversos vasos de plantas e flores, com músicas e todas as telas e livros produzidos pelas crianças mergulhados em pétalas de flores, que cobriam o chão, quadros e plantas, expostos para visita pública, num evento que a escola promovia. Como foi envolvente e 'gostoso' este trabalho!

Ao pensar o meu trabalho na educação infantil vejo um grande desafio: como ser interessante, desenvolvendo um trabalho envolvente, significativo, duzentos dias letivo por ano? Como pensar a leitura, o prazer, a formação e a escola neste contexto?

Para responder algumas perguntas, Garcia aponta a necessidade da criação de espaços para a manifestação da expressão infantil, da elaboração de um projeto de trabalho que considere o contar e o ouvir histórias, incluindo a criança como personagem atuante. Lembra que quem quiser atrair a atenção de seu grupo, basta anunciar que vai contar um segredo (ou eu diria também, que trouxe algum material para trabalharmos...) ou mesmo a última fofoca... "Contar traz a magia do recriado, do revivido, tem o poder de decidir destinos. (...) O contar tem como ingrediente a magia da própria vida. A narrativa se desenvolve como fio que se tece e se entretece, urdindo a trama..." (Garcia, 1993, p.41).

A autora afirma que contar é preciso para povoar e enriquecer o imaginário das crianças ou para liberar a sua criatividade. E que é sempre importante registrar o que a criança falou e deixá-la ouvir-se neste registro. Propõe que a sala de aula vire palco! "Assumir concretamente o faz-de-conta na pré escola é

associar o dinamismo da vida à riqueza do imaginário. É realizar um trabalho pedagógico produtivo capaz de alimentar o imaginário da criança, tornado mais ativo seu potencial criador" (idem, p.44).

Garcia chama a atenção para a necessidade de se desengessar os sentidos, propiciando que se vivencie a experimentação no cotidiano da educação infantil, lidando com objetos, sons, palavras, materiais e fatos, ousando, entrando em terrenos desconhecidos, sem controles... "Criar uma história individual ou coletivamente, é uma atividade que envolve o prazer. A criança libera sua criatividade, ao mesmo tempo em que explicita seus desejos e emoções, elaborando seus sentidos e os conhecimentos que possui em relação ao mundo". (ibid, p.93)

Observando minhas crianças na escola e os registros que venho fazendo, percebo a possibilidade de reorganização das nossas vivências e desencadeamento de caminhos para a continuidade do trabalho. É desta observação que tento entender onde e como ajudar, que busco leituras para propor atividades e situações de ensino-aprendizagem.

No tocante ao trabalho com linguagem, Rodari afirma que para mudar a sociedade são necessários homens criativos que saibam usar sua imaginação... Propõe que desenvolvamos a criatividade de todos para mudar o mundo. "Todos os usos da palavra a todos, parece um bom lema, sonoramente democrático. Não exatamente porque todos sejam artistas, mas porque ninguém é escravo". (Rodari, 1982, p.13)

Para isso, numa escola democrática e possível, podemos proporcionar 'encontros com a fantasia'! "Uma palavra escolhida ao acaso, e lançada à mente, produz ondas de superfície e de profundidade, provoca uma série infinita de reações em cadeia, agitando em sua queda sons e imagens, analogias e recordações, significados e sonhos, em um movimento que toca a experiência e a memória, a fantasia e o inconsciente...". (idem, p.14) E nestas possibilidades provocadas, experienciadas na escola, de forma significativa,

pelo aluno e professor em formação, estarão se constituindo a sociedade e cidadão novos.

Dentre as muitas sugestões e relatos de experiência do autor, sobre o trabalho criativo com a fantasia e a imaginação, ressaltando que as brincadeiras infantis devem servir às crianças e não servir-se delas, para propósito avaliativo, por exemplo, gostaria de destacar alguns exemplos, que tive oportunidade de viver, como o jogo da palavra: “uma palavra [pode ser] mágica para escavar campos da memória que descansam sob a poeira do tempo...Pequenos – Elefantes – Dormiam - Roncando – Alto” (ibid, p.15) Com a palavra pedra, cinco outras palavras foram criadas.

O jogo ‘binômio fantástico’ se dá a partir da combinação de duas palavras: duas crianças escondidas, dizem uma palavra ao professor, uma de cada vez, e as combinações possíveis são brincadas com a turma e o professor. Este pequeno ritual, cria expectativas e curiosidades muito agradáveis na sala. Por exemplo, sapo – bola: o sapo bola, a bola no sapo, o sapo sobre a bola, a bola sapo, etc. Após a brincadeira com as palavras, pode-se criar uma história utilizando a combinação que mais agrada.

Novamente a proposta de transformar a sala em palco e brincar com objetos e fantasias, escolhendo um ‘binômio fantástico’ para a criação de uma história ou situação de brincadeira de faz-de-conta.

O que aconteceria se...? Utilizando essa pergunta, escolhe-se ao acaso um sujeito e um predicado. Por exemplo, o que aconteceria se os lagartos que vivem próximos à escola, voassem no céu?

Bilhetes com perguntas e respostas: quem era? Onde estava? O que fazia? O que disse? O que disseram as pessoas? Como acabou? As respostas devem ser lidas como uma história. Além de muitas risadas de determinadas situações, outras histórias podem ser criadas. Com essa brincadeira criamos a história do gênio que, no ônibus, fazendo xixi, disse: ai! Acho que sofri um acidente!

Desenho feito por muitas mãos: a primeira criança desenha, por exemplo, a forma oval de um olho, a segunda coloca-lhe patas de galinha, a terceira planta uma flor no lugar da cabeça, etc: ao final as figuras podem contar uma história e as palavras podem continuar a brincadeira...

Quando escrevo sobre o prazer da leitura na escola, estou tentando situar uma das características da leitura e da possibilidade de seu trabalho na mesma. A intensidade de um texto, pode proporcionar as mais diversas relações com músicas, filmes, brincadeiras, experiências vividas, etc.

Apesar da alfabetização não ser prioridade na educação infantil, segundo meu ponto de vista, quando eu trabalho a leitura e escrita com as crianças, estou lhes abrindo uma outra possibilidade de se relacionar no mundo, principalmente pelo fato de algumas crianças dependerem da escola para terem esta referência.

Algumas atividades que envolvem o desenvolvimento da linguagem oral e escrita e, principalmente o trabalho com a leitura que vivencio na educação infantil, dentre outras, são: rodas de conversa, seleção e organização de livros para pôr na cesta da sala, semanalmente; utilização da sala de leitura para contar histórias e escolher livros para ler na escola e em casa; organização da caixinha de histórias em quadrinhos, confeccionada com recortes de jornais; confecção de livros a partir de temas ou situações vividas; utilização da sala do espelho, com fantasias e sapatos para brincar de faz de conta; leitura de diferentes histórias, utilizando as gravuras dos livros, objetos, fantoches, massinhas, desenhos, etc; atividades com músicas; brincadeira de caça ao tesouro utilizando palavras chaves em estudo, espalhadas pela escola; criação de histórias com as crianças, a partir de objetos e palavras; releitura de artes; leitura e discussão sobre notícias de revistas e jornais – momento da opinião, etc.

Em um dos relatos da minha amiga e professora Juracema, sobre suas aulas de leitura, ela afirmava que há uma efervescência de curiosidade, um grande

movimento de ânimos: sua prática de leitura não é dirigida, não é planejada no sentido de limites, mais ou menos limitada no tempo e no espaço. Ao contrário, propicia a hora e vez da vivência do sensível e do criativo... Esta postura, não reprodutora e muito menos repetitiva, quero para a minha sala de aula!

Trabalhar com a leitura envolve abrir ou fechar os olhos, ouvidos, nariz e boca, despertar sensações, viver energias, imaginar, criar, refletir sobre livros, artigos, frases de muros, músicas, notícias de jornais e cartazes, em variados tempos e lugares, com diferentes mundos, pessoas, animais, objetos, relações. Daí que as atividades de 'leituras' precisam estar relacionadas ao sentido que estão dando ou não ao mundo do estudante.

Lajolo afirma que "as atividades de leitura propostas ao aluno, quando este se debruça sobre um texto literário, têm sempre de ser centradas no significado mais amplo do texto, significado que não se confunde com o que o texto diz, mas reside no modo como o texto diz o que diz.(...) É fundamental que exercícios e atividades trabalhem elementos do texto que contribuam para um relacionamento mais intenso dos alunos com aquele texto particular e que, como uma espécie de subproduto da atividade ou do exercício, fique inspiração e caminho para o inter-relacionamento daquele texto com todos os outros conhecidos daquele leitor e – lição maior! – a intuição da quase infinita interpretabilidade da linguagem de que os textos são constituídos". (Lajolo, 1993, p.51)

É preciso cuidado para propor, através da atividade de leitura, a possibilidade de sensibilizar-se com o texto, envolvendo-se com a maneira que este diz seu 'recado', para que a imaginação se ative, recriando outros textos significativamente. Cuidado para que tais atividades, de forma mecânica ou pouco significativa, não abandonem o foco principal que seria a leitura, fonte real de criação, fantasia, produção de sentidos.

"Entre as atividades hoje mais freqüentemente sugeridas para despertar o gosto (quase sempre chamado de hábito) pela leitura, encontram-se a transformação do texto narrativo em roteiro teatral e subsequente encenação; a

reprodução, em cartazes ou desenhos, do tema, da história ou de personagens do livro; a criação, a partir de sucata, de objetos ou colagens de alguma forma relacionados à história; as pesquisas que aprofundam algum tópico que o texto aborda; o prosseguimento da história, sua reescritura com alteração do ponto de vista; entrevista (real ou simulada) com autor ou personagens do livro; jogral ou coro falado quando se trata de poemas; e tantas outras, familiares a quem tem intimidade com a literatura infantil.” (idem, p.70)

Alerta ainda que "nada em si mesmo é bom ou mau. O problema é que atividades sugeridas indiferenciadamente para muitos milhares de alunos, distribuídas em pacotes endereçados a anônimos e despreparados professores, passam a representar a varinha mágica que transformará crianças mal alfabetizadas e sem livros disponíveis em bons leitores. Favorecem ainda a crença de que sua realização operará o milagre de transformar os professores em orientadores de leitura, fazendo vista grossa à sua pouca familiaridade com livros, não questionando sua leitura quantitativa e qualitativamente muito pobre, deixando intocada sua estranheza face a práticas mais significativas da linguagem. Na rotina de tais atividades camuflam-se riscos sérios de alienação da leitura. (...) Da perspectiva da indústria de livros, o investimento em atividades de leitura desse tipo pode assegurar a fidelidade do professor a seus produtos, uma vez que roteiros, atividades, fichas de leitura e seus congêneres promovem obliquamente o produto livro, através de uma estratégia que capitaliza insegurança e despreparo do professor”. (ibid, p.72)

Um trabalho de leitura, como o apontado, reforça o caráter reprodutor da escola, quando tira da responsabilidade do professor, em construção coletiva com seus alunos, dialogando as leituras de ambos, o planejamento efetivo das atividades que desenvolverá com a turma. Aqui, questiono-me sobre a importância de uma política educacional comprometida com a formação de qualidade do professor, principalmente no tocante ao papel da leitura. Desejo que o livro não seja objeto de propaganda, mas meio de descobertas e construção significativa do conhecimento, para o professor e estudantes.

*TECENDO A MANHÃ*  
*João Cabral de Melo Neto*

*Um galo sozinho não tece uma manhã:  
ele precisará sempre de outros galos.  
De um que apanhe esse grito que ele  
e o lance a outro; de um outro galo  
que apanhe o grito que um galo antes  
e o lance a outro; e de outros galos  
que com muitos outros galos se cruzem  
os fios de sol de seus gritos de galo,  
para que a manhã, desde uma teia tênue,  
se vá tecendo, entre todos os galos.*

*E se encorpando em tela, entre todos,  
se erguendo tenda, onde entrem todos,  
se entretendendo para todos, no toldo  
(a manhã) que plana livre de armação.  
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo  
que, tecido, se eleva por si: luz balão.*

O Poeta chama a atenção para o caráter do diálogo, da participação coletiva na construção de um despertar de dia. Fazendo relação com a leitura e formação da professora, podemos perceber o meio rico de possibilidades de construções que o texto pode permitir.

Muito mais importante que pensar qual metodologia ou estratégia propor para o desenvolvimento da atividade de leitura, é refletir qual natureza e o percurso social da mesma. Numa proposta de educação democrática, preciso preocupar-me com diferentes tipos de leitura, atendendo diferentes necessidades sociais como: a leitura de classificados de jornais para procura de empregos e negócios, leitura e produções de cartas, bilhetes, ofícios, solicitações, etc. Meios que possibilitarão a pessoa locomover-se nos diversos

circuitos da sociedade, bem como os textos literários, que permitem a pessoa sensibilizar-se e sensibilizar outros através da experiência da emoção no tratamento dos mais diversos temas relacionados ao ser humano e sua existência.

No tocante a formação da professora, concordo com Lajolo quando afirma que “a discussão sobre leitura, principalmente sobre a leitura numa sociedade que pretende democratizar-se, começa dizendo que os profissionais mais diretamente responsáveis pela iniciação na leitura devem ser bons leitores. Um professor precisa gostar de ler, precisa ler muito, precisa envolver-se com o que lê. (...) É importante frisar também que a prática de leitura patrocinada pela escola precisa ocorrer num espaço de maior liberdade possível”. (ibid, p.108)

No trabalho com leitura estou me experimentando com os alunos em diferentes livros e oportunidades de vivências da mesma. Leitura é a ação de ler, sentir, viver, refletir e propor o livro, o mundo, a escola, o meu processo de formação profissional, a relação com o outro, respeitando-se o prazer ou aversão de cada leitor em relação a diferentes livros. No processo de formação, é preciso estar sempre questionando e refletindo como ela está se dando, qual política de educação estamos vivendo e querendo para recriar nossa prática pedagógica em favor de uma qualidade democrática de ensino.

### CAIXA MÁGICA DE SURPRESA

Elias José

*Um livro  
é uma beleza,  
é caixa mágica  
só de surpresa.*

*Um livro  
parece mudo,*

*mas nele a gente  
descobre tudo.*

*Um livro  
tem asas  
longas e leves  
que, de repente,  
levam a gente  
longe, longe.*

*Um livro  
é parque de diversões  
cheio de sonhos coloridos,  
cheio de doces sortidos,  
cheio de luzes e balões.*

*Um livro  
é uma floresta  
com folhas e flores  
e bichos e cores.*

*É mesmo uma festa,  
um baú de feiticeiro,  
um navio pirata no mar,  
um foguete perdido no ar,  
é amigo e companheiro.*

Com o encanto contagiante do Poeta, pensando em beleza e magia, descobertas e viagens da imaginação, continuo esta reflexão, trazendo mais um autor para nossa conversa.

Silva nos afirma que a leitura libertária é portadora de uma magia que nos “permite viver mais e melhor, ser outros sem deixar de ser o que se é,

deslocar-se no tempo e espaço sem sair do lugar e viver as mais ousadas aventuras do corpo, sem perder o juízo ou trair o coração.” (Silva, 1997, p.11) Acredito que esse tipo de leitura possibilita a criação e imaginação, caminhos que viabilizam a apropriação e mudança da realidade que cerca o indivíduo, garantindo ao cidadão a capacidade de pensar por conta própria. Daí a luta por leitura crítica na sociedade e na escola.

Um trabalho de leitura envolve criar possibilidades de viver com significação, de levar para a escola suas leituras de mundo, mais que dar conta de um rol conteudista de leituras. “Estou ressaltando a necessidade de abriremos aos indivíduos a possibilidade de viver experiências concretas nas diferentes fases de sua vida – nesse sentido, uma pedagogia crítica da leitura da palavra deveria levar em conta os limites preliminares que as pessoas já fizeram do real, levar em conta os limites do mundo concretamente vivido por essas pessoas.” (idem, p.19)

Para que a significação e a interlocução com textos sejam realmente possíveis, é necessário fazer a leitura da realidade, onde as injustiças e desigualdades sociais, a fome, a violência, o analfabetismo e a ignorância imperam, marcando pessoas. Nesta leitura de ‘contextos’, associada à leitura de textos, pode estar a possibilidade de mexer com os nossos corações, de refletir sobre a vida e provocar fatores de mudança, quiçá, transformações.

O referido autor afirma que “o acesso ao ler significa ter acesso à escola e nela obter os conhecimentos necessários à participação no mundo da escrita. Se a formação do leitor está essencialmente condicionada à escolarização, então ‘ler’ é , por necessidade, submeter-se aos objetivos que a escola tenta atingir através de seus programas e métodos. E, como a escola não é, e raramente foi, um organismo independente da sociedade, então as perguntas pertinentes ao processo de leitura (quem lê, o que ler, por que ler, de que forma ler, onde aplicar o que foi lido, etc.) ficam subordinadas a objetivos sociais mais amplos.” (ibid, p.52)

Tomada a importância de um trabalho de leitura comprometido com o homem e mulher da sociedade, apontados por Silva, cabe continuar questionando qual escola e formação profissional estamos realmente vivendo e desenvolvendo. A leitura não pode caracterizar-se por instrumento de adaptação e dominação, mas elemento que proporciona discussão, conflito, divergência, indignação, vontade de mudança, emoção, possibilidade de reflexão e experiência.

Frente ao caráter social e político do ato de ler, da característica deste meio em ser abertura de horizontes, experimentação de alternativas de existência, concretização de um projeto reflexivo e crítico que pode levar a construção de mais elementos para pensar a realidade e condições de vida, percebo que o meu cotidiano escolar, formação docente e projeto político pedagógico precisam estar vinculados, cruzando caminhos de reflexão para a existência de uma prática de ensino-aprendizagem, melhor.

Sinto, de forma positiva, a presença do conflito em meu processo de formação, principalmente quando estou refletindo minha prática, tentando evitar o óbvio, a monotonia e o autoritarismo (sem ser libertina). Tento fazer da criatividade dos alunos e minha, um meio de continuidade da nossa leitura do trabalho que desenvolvemos. A atividade de leitura, seja de textos informativos, artigos educacionais, receitas nutricionais, registros de experiências, literatura em geral, etc, acontece no nosso trabalho cotidiano e é muito bem vinda inclusive no trabalho com os pais, em reuniões que a escola proporciona.

O leitor crítico reage, questiona, problematiza, aprecia com criticidade, revela uma prática de leitura com possibilidade de fruição, reflexão e recriação. A leitura crítica é condição para uma educação libertadora. “Acredito que o ensino de processos – como os de ler, escrever e estudar – não pode e não deve ser desvinculado do ensino de conteúdos. (...)Com um pouco de imaginação criadora na fase de seleção, organização e transmissão dos conteúdos, mais uma certa pitada de rigor e disciplina, os fracassos da dimensão processual não seriam tão freqüentes e alarmantes”. (ibid, p.142)

Dáí a necessidade de propor aos alunos conteúdos e experiências que lhe permitam analisar suas condições de vida em sociedade. Lutar por uma educação e escola de qualidade, bem como o exercício comprometido da leitura é repensar e modificar as funções do trabalho pedagógico como um todo.

*A POESIA É UMA MENTIRA?*

*Carlos Drummond de Andrade*

*Paulo tinha fama de mentiroso. Um dia chegou em casa  
Dizendo que vira no campo dois dragões-da-independência  
cuspiendo fogo e lendo fotonovelas.*

*A mãe botou-o de castigo, mas na semana seguinte ele  
veio contando que caíra no pátio da escola um pedaço de lua,  
todo cheio de buraquinhos, feito queijo, ele provou e tinha gosto  
de queijo. Desta vez Paulo não só ficou sem sobremesa  
como foi proibido de jogar futebol durante quinze dias.*

*Quando o menino voltou falando que todas as  
Borboletas da Terra passaram pela chácara de Siá Elpídia e  
Queriam formar um tapete voador para transportá-lo ao sétimo  
céu, a mãe decidiu levá-lo ao médico. Após o exame, o Dr.*

*Epaminondas abanou a cabeça:*

*Não há nada a fazer, Dona Colo. Este menino é  
Mesmo um caso de poesia.*

Que menino 'esquisito' este Paulo, muita imaginação tem o coitado! Só poderia ser um caso perdido de poesia... E os nossos Paulos, como dão trabalho! Quanta energia e vontade de inventar e viver coisas diferentes! O que temos feito com eles? Ainda bem que temos nossas salas repletas deles!

Falar do desenvolvimento humano é falar do desenvolvimento cultural; a cultura e a sociedade constituem o homem. O desenvolvimento humano passa

por lembranças que são o sentido da vida, a atribuição de significados e emoções: a memória, as lembranças, a linguagem, o presente constituem em sua amplitude, o especificamente humano. Este desenvolvimento depende da aprendizagem ocorrida nas relações, interações e mediações, que são sentidos/ construídos com as experiências, formando uma memória social de acordo com as necessidades do indivíduo.

É na trama das relações com os outros que a criança se apropria de modos de ação significativos: é no interior das dinâmicas interativas que a criança torna própria e pertinentes formas de ação valorizadas em seu meio social. Nessa perspectiva, a autonomia só é possível com o outro. As regras são regras socialmente construídas. A autonomia está, na relação com o outro, e na interpretação dessa relação. O sujeito constitui suas formas de ação e sua consciência nas relações sociais. A ação do sujeito é considerada a partir da ação entre sujeitos.

Mesmo apontando diferenças entre aprendizado e desenvolvimento, Vygotsky (1999) considera que esses dois processos caminham juntos, e que o primeiro suscita e impulsiona o segundo. Tudo aquilo que a criança aprende com o adulto ou com outra criança, vai sendo elaborado por ela, vai se incorporando a ela, transformando seus modos de agir e pensar.

Vygotsky (idem) afirma que o conhecimento do mundo, passa pelo outro, sendo a educação o traço distintivo fundamental da história do pequeno ser humano. A educação poder ser definida como sendo o desenvolvimento artificial da criança. Ela é o controle artificial dos processos de desenvolvimento humano natural. A educação faz mais do que exercer influência sobre um certo número de processos evolutivos: ela reestrutura de modo fundamental todas as funções do comportamento.

Se o homem se faz nas suas relações com o outro, chega a ser dramático o que a escola tem feito com seus alunos; o problema do fracasso escolar não é individual e sim social: atinge um grande número de crianças pobres. Refletindo sobre as relações no interior escolar, a exigência de silêncio acaba

sendo conveniente, porque quando as crianças se calam, os problemas, as contradições e conflitos, são ocultados pela rígida disciplina escolar. A vida das crianças, e tudo mais, as brincadeiras, descobertas, espantos, fascínios, desânimo, dúvidas, medos, carinhos, trabalhos, paixões ficam contidos e abafados no processo de escolarização, que nesta sociedade, em alguns momentos, também se caracteriza como um processo de exclusão social<sup>5</sup>.

Discutir inclusão e escola de qualidade para todos requer questionar e repensar nossa estrutura escolar, resgatando ou implantando o “tesão” de aprender, de viver o conhecimento dentro deste cotidiano, sem diferenciar, sem criar especificidades, sem excluir.

Se nos constituímos na relação com o outro, precisamos nos afirmar em nossas diferenças, nos abrir para esta relação. A inclusão é fruto de um movimento de tomada de consciência das diferenças, num tempo e espaço que estreitam as relações humanas. A escola inclusiva pretende ser justa, democrática, desafiadora, lugar onde todos têm voz e vez. Incluir é em primeiro lugar pôr na escola, e depois, recriá-la em todas as suas dificuldades, desde a legislação até a questão do ensino, formação do professor, objetivos da educação. Implica na criação de estratégias que possam superar a seleção e exclusão e, abrir-se ao gostoso, ao prazer da formação, à qualidade de educação para todos.

Padilha afirma que “não podemos nos manter indiferentes ao fato de que muitos dos nossos alunos e alunas continuam a ser esquecidos, maltratados, reprovados e expulsos das nossas escolas, instituições que jamais deveriam desistir deles. Eles continuam sendo vítimas de humilhações, e o sentimento de culpa pelo fracasso na escola permanece recaindo sobre eles. Em plena passagem para o século XXI, a existência das dificuldades acima citadas poderia sugerir que não há alternativas. E quase chegamos a acreditar nisso e a aceitar como normal uma escola sem amor, sem calor, sem a paixão pelo

---

<sup>5</sup> Anotações de aula da disciplina EP 127 – Pensamento, Linguagem e Desenvolvimento Humano da Profª Ana Luiza Bustamante Smolka.

conhecimento, pela descoberta, pela curiosidade, pela ciência, pela arte. Até parece, às vezes, que a instituição escolar se transformou num depósito de tudo o que há de mais negativo na sociedade, da falta de responsabilidade à falta de ética e de esperança... e que, se é assim, não tem mais jeito. 'É mister tratar com jeito a realidade jeitosa'. É preciso analisar o contexto histórico em que tudo acontece, 'caçar os sentidos, os significados, as insinuações, os silêncios dos discursos, das práticas e da realidade. Se assim agirmos, vamos perceber que existem alternativas e muito que fazer e 'esperançar'. Há saídas. Dentre elas, o fato de que esses problemas devem ser pauta dos nossos textos, das nossas reflexões, dos nossos pensares, das nossas buscas e tentativas de acerto". (Padilha, 2002, p.13)

A construção desta escola pública e popular implicará um processo de apropriação criativa da escola pela comunidade, de maneira a transformá-la num centro de cultura popular, espaço de organização política das classes populares e de (re) criação da educação formal e não-formal.

A democratização da escola vai além da democratização de suas estruturas organizacionais e de gestão, envolve o acesso e o sucesso escolar dos alunos na escola pública concebida como local de trabalho e com formas de intervenção cívica e sociocultural com a comunidade. Processo difícil, pois as práticas democráticas envolvem riscos, as mudanças sociais são complexas. "[...] é uma construção que, jamais terminada, demanda briga por ela. Demanda engajamento, clareza política, coerência, decisão. Por isso mesmo é que uma educação democrática não se pode realizar à parte de uma educação da cidadania e para ela". (idem, p.50)

A educação escolar para a democracia e para a cidadania, só possível através de práticas educativas democráticas, é por natureza organizacional, tal como a organização e a administração escolares são, por definição, políticas, educativas e pedagógicas. "Tal exercício, não sendo neutro ou instrumental, promove valores, organiza e regula um contexto social em que se socializa e se é socializado, onde se produzem e reproduzem regras e se exercem poderes: uma ação extremamente exigente em termos políticos e éticos. (...) A

escola democrática não apenas deve estar permanentemente aberta 'a realidade contextual de seus alunos, para melhor compreendê-los, para melhor exercer sua atividade docente, mas também disposta a aprender de suas relações com o contexto concreto. Daí a necessidade de, professando-se democrática, ser realmente humilde para poder reconhecer-se aprendendo muitas vezes com quem sequer se escolarizou. A escola democrática de que precisamos não é aquela em que só o professor ensina, o aluno aprende e o diretor é o mandante todo poderoso".(ibid, p.71)

Vivendo a possibilidade da surpresa ou da recusa, do encantamento ou da frustração diante das atividades desenvolvidas, experimentando-me com os alunos no trabalho escolar com a leitura de textos e de situações vividas, buscando teorias para refletir questões do cotidiano, tento fazer da minha formação e do espaço escolar onde atuo, um local onde possa acontecer a oportunidade de um trabalho significativo, de envolvimento e desenvolvimento. Um espaço de múltiplas relações, de aprendizagem e crescimento de todo aluno e próprio.

***IV – A minha história de professora em formação: leitura e prazer na escola.***

*COM LICENÇA POÉTICA*

*Adélia Prado*

*Quando nasci um anjo esbelto,  
desses que tocam trombeta, anunciou:  
vai carregar bandeira.  
Cargo muito pesado pra mulher,  
esta espécie ainda envergonhada.  
Aceito os subterfúgios que me cabem,  
sem precisar mentir.  
Não sou tão feia que não possa casar,  
acho o Rio de Janeiro uma beleza e  
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.  
Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.  
Inauguro linhagens, fundo reinos  
- dor não é amargura.  
Minha tristeza não tem pedigree,  
já a minha vontade de alegria,  
sua raiz vai ao meu mil avô.  
Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.  
Mulher é desdobrável. Eu sou.*

Discutir o meu tema de trabalho, a formação de professora, a leitura e o trabalho pedagógico significativo e prazeroso na escola, talvez implique, falar um pouco da minha história de escolaridade. 'Peço licença', então, para dizer...

Infelizmente, na história de escolaridade na minha família, comum na classe social a que pertencemos, são presentes e contínuos os processos de falta de acesso, exclusão ou fracassos escolares. Meu pai é operário aposentado, que

voltou a estudar há pouco tempo, começando entusiasmadamente a fazer seu ensino médio. Minha mãe, mulher, mãe, lavradora, babá, empregada doméstica, hoje do lar, estudou depois de casada, pelo Mobral, até a 4ª série do ensino fundamental. Fui criada com três tios maternos e sou filha única.

Até a minha oitava série, nos finais de semana e feriados, trabalhava na roça com minha mãe. Nos dias de aula, no período que não estava na escola, ficava em casa sozinha, com incumbências domésticas. Sempre adorei ir para a escola, o que hoje, vejo, foi minha sorte: era quietinha, obediente, enquadrava-me no perfil esperado pela instituição, nunca dei problemas ou precisei que me ajudassem de alguma forma na escola. Caso contrário, provavelmente, não estaria aqui hoje, na Universidade, escrevendo este texto! Já estava terminando o Magistério, com dezoito anos e, sequer tinha a idéia concreta do que era uma faculdade ou universidade, mas já sabia que estudaria um dia em uma...

Aos dezenove anos, comecei a trabalhar registrada, na Biblioteca Pública de Hortolândia, como Auxiliar de Bibliotecário, através de concurso público. Lá, minha superior começou a me orientar sobre a necessidade de continuar estudando e doou-me todo o material que um dos seus sobrinhos utilizara no Anglo em cursinhos preparatórios para o Vestibular (que já na ocasião, tinham o valor das mensalidades quase o dobro do que era o meu salário). Na época, um amigo de trabalho, hoje meu marido, levou-me pela primeira vez na UNICAMP, onde animado, fazia seu primeiro ano de Ciências Sociais no período noturno. Comecei a estudar e me preparar sozinha para prestar o Vestibular: três anos de sofrimento, que valeram muito! Entrei no curso de Pedagogia em 1998, cinco anos após ter terminado meu segundo grau.

Se entrar na universidade foi difícil, eu não tinha nem idéia do que seria trabalhar o dia todo, estudar à noite e tentar ler ao menos metade do que eu precisava nos finais de semana. Como foi e é difícil permanecer na universidade!

Desistir, nem em pensamento! Também em 98, comecei a trabalhar no Fórum de Sumaré como Escrevente Judiciário: meus dias eram super corridos e tumultuados; as noites cada vez mais encantavam e frustravam, pelo pouco que estava aproveitando do curso. Aqui comecei-me professora: apesar de ganhar quase um terço do que ganhava no Fórum, não tive dúvidas: ao ser chamada para trabalhar como Professora de Educação Infantil, no SESI de Americana, fui feliz da vida, mesmo com as limitações financeiras, pela oportunidade de estar aprendendo e crescendo como pessoa e profissional.

Vários professores e seus cursos começaram a fazer diferença e deixar marcas muito positivas em minha vida. Angustiada, sem entender muitas questões que se colocavam no meu dia-a-dia de professora e, sentindo necessidade de dar outra direção para o meu curso de Pedagogia, consegui redefinir caminhos: enquanto a maioria da minha turma se formaria em quatro anos, tive claro para mim, que a partir daquele momento, precisaria fazer menor número de disciplinas, para poder ter tempo livre para leituras e estudos (e como tenho indicações bibliográficas pendentes até hoje!). Sou a única pessoa de toda a minha família materna a pisar numa universidade. Foi difícil entrar e não teria pressa de sair! Começaria a partir daquele momento a redescobrir o mundo.

Gonzaguinha<sup>6</sup> ajuda a contar um pouco das minhas sensações ao escrever este texto. Em sua música "É", afirma sábia e encantadoramente que a gente quer valer nosso amor, suor, humor, quer do bom e do melhor, quer carinho e atenção, quer calor no coração. Quer suar, mas de prazer, quer ter muita saúde, quer viver a liberdade e a felicidade. A gente não tem cara de panaca, não tem jeito de babaca, quer viver plenos direitos, todos os defeitos, quer ser uma nação, e principalmente ser um cidadão. "É", lembra-nos que mais que comida, queremos educação, cultura, diversão e arte.

---

<sup>6</sup> A música 'É' de Gonzaguinha, encontra-se em anexo.

DISPARADA  
Geraldo Vandré

*Prepare o seu coração/ pras coisas que eu vou contar  
Eu venho lá do sertão (3X)/ E posso não lhe agradar.*

*Aprendi a dizer não/ Ver a morte sem chorar  
E a morte, o destino tudo (bis)  
Estava fora de lugar/ Eu vivo pra consertar.*

*Na boiada já fui boi/ mas um dia me montei  
não por um motivo meu/ ou de quem comigo houvesse  
que qualquer querer tivesse/ porém por necessidade  
do dono de uma boiada/ cujo vaqueiro morreu.*

*Boiadeiro muito tempo/ laço firme, braço forte,  
muito gado, muita gente/ pela vida segurei  
seguia como num sonho/ que boiadeiro era um rei*

*Mas o mundo foi rodando/ nas patas do meu cavalo  
e nos sonhos que fui sonhando  
as visões se clareando (bis)/ até que um dia acordei.*

*Então não pude seguir/ valente, lugar tenente  
de dono de gado e gente/ porque gado a gente marca  
tange ferro, engorda e mata/ mas com gente é diferente.*

*Se você não concordar/ não posso me desculpar  
não canto pra enganar/ vou pegar minha viola  
vou deixar você de lado/ vou cantar noutro lugar.*

*Na boiada já fui boi/ boiadeiro já fui rei  
não por mim nem por ninguém/ que junto comigo houvesse  
que quisesse ou que pudesse*

*por qualquer coisa de seu (bis)/ querer mais longe que eu.*

*Mas o mundo foi rodando, nas patas do meu cavalo;  
e já que um dia montei, agora sou cavaleiro;  
laço firme, braço forte, de um reino que não tem rei.*

Sonhando, a gente vai lutando e trabalhando para a construção e conquista de uma escola melhor, de uma educação de qualidade para todos. Instrumentalizar o ser humano, através da linguagem oral e escrita pode ser um primeiro passo para a transformação da situação a que a classe pobre e miserável está submetida.

Interessante pensar que sendo o mundo humano, portanto cheio de relações, a todo o momento podemos perceber o desejo de fazer calar no interior da escola. Questionar qual formação está se dando, envolve questionar como e em qual espaço. Daí o alerta da autora: “do caos pode surgir uma nova forma de organização mais criativa e livre – um novo espaço de liberdade – em que cada aluno e aluna podiam se aventurar por diferentes áreas do conhecimento a partir de seu próprio interesse e assim fazendo, chegar a novas sínteses.”(Garcia, 2000, p.46)

Garcia afirma que a escola pública não está morta e que as professoras não desistiram de lutar pela sobrevivência dela, e de seu ‘baú de memórias’, relata histórias de aprendizagens significativas, de professoras que direcionam suas energias para criar alternativas pedagógicas de favorecimento de aprendizagens. “Essas histórias narradas pelas professoras vão constituindo uma memória coletiva que, espero, possa contribuir para recuperar um auto conceito positivo e um sentimento de potência criadora, que um dia as professoras tiveram, já que hoje se assiste a uma ação orquestrada de desmoralização a partir da falsa idéia de que a escola risonha e franca morreu e que agora é preciso eficiência que acompanha a lógica de mercado”. (idem, p.45)

Mesmo convivendo de perto com este discurso da lógica de mercado, também testemunho em minha formação, a gana por esta escola potente, risonha e franca nos sentimentos das professoras com que trabalho e estudo.

Sobre a leitura, desde que me comecei professora, devido ao salário sofrível, principalmente na rede em que trabalho, não pude mais comprar livros! Mesmo assim, preocupo-me com a necessidade de organização de tempo e condições de estudo na minha formação. Concordo com Silva quando afirma que “além de equipar as escolas com boas bibliotecas, a ação para o incentivo à leitura deveria voltar-se concretamente à dignificação do trabalho do professor brasileiro de modo que ele próprio tenha condições para ler e se atualizar. Com a vida sobrecarregada que leva, com o parco salário que ganha, com a exígua literatura de que dispõe, etc., o professor é levado muitas vezes a se transformar num não leitor, sendo também impedido de acompanhar as informações em sua área de conhecimento.”(Silva, 1997, p.158) Aqui entra a necessidade de desdobramento para trabalhar por uma formação e escola de qualidade, de lutar nas condições de que se dispõe, para conquistar o sonho que o Poeta sugere em ‘Disparada’.

Kramer assume a leitura e a escrita como experiência, ou seja, vivido que é pensado, narrado. “A leitura pode ser fruição, divertimento, prática que informa, comunica, avisa. Não proponho uma definição exclusiva, nem penso que toda leitura e toda escrita precisam ser feitas como experiência, nem que se não for experiência não é leitura nem escrita. Instrumentalizar é também necessário, importante, tal como divertir-se, envolver-se, praticar. Apenas me parece que para se constituírem como formadoras, a leitura e a escrita precisam se concretizar como experiências.” (Kramer, 1999, p106) A autora afirma que é a narrativa, o relato para o outro que torna a vivência uma experiência. “O leitor leva rastros do vivido no momento da leitura para depois ou para fora do momento imediato – isso torna a leitura uma experiência. Sendo mediata ou mediadora, a leitura levada pelo sujeito para além do dado imediato, permite pensar, ser crítico da situação, relacionar o antes e o depois, entender a história, ser parte dela, continuá-la, modifica-la”.(idem, p.107)

Ao pensar essa formação do professor pela leitura como experiência, a autora chama a atenção para a falta de tempo, a falta de contato com textos e de contextos que incentivem a leitura como experiência, frente a fragmentação e inacabamento da leitura. Questiono-me sobre todos os textos que não pude ler, as pilhas de apostilha que somente pequei nas mãos e passei os olhos, os cursos que ao longo destes cinco anos de Pedagogia fiz de conta que aproveitei e entendi... Ao menos, acho que estou começando a aprender, agora, inclusive por este processo de pesquisa e escrita do Trabalho de Conclusão de Curso, a ler e escrever ... "Por considerar como experiência o processo de leitura ou de escrita (o ato, a prática, a forma) que engendra uma reflexão sentida de um coração informado sobre aspectos fundamentais da vida humana; leitura compartilhada – ainda que seja com o autor – daquilo que a gente pensa, sente ou vive. Leitura que provoca a ação de pensar e sentir criticamente as coisas da vida e da morte, os afetos e suas dificuldades, os medos, sabores e dissabores; que permite conhecer questões relativas ao mundo social e à tantas e tão diversas lutas por justiça (ou combate à injustiça). (...) O que faz da leitura uma experiência é entrar nessa corrente em que a leitura é partilhada e, tanto quem lê, quanto quem propiciou a leitura ao escrever, aprendem, crescem, são desafiados". (ibid, p.108) É a leitura como fonte de formação, abrindo possibilidades de pesquisa, dúvidas e respostas, na relação com o cotidiano do ensino-aprendizagem vividos diariamente na escola.

*MOTIVO*

*Cecília Meireles*

*Eu canto porque o instante existe  
e a minha vida está completa.  
Não sou alegre nem sou triste:  
sou poeta.*

*Irmão das coisas fugidias,  
não sinto gozo nem tormento.*

*Atravesso noites e dias  
no vento.*

*Se desmorono ou se edifico,  
se permaneço ou me desfaço,  
- não sei, não sei. Não sei se fico  
ou passo.*

*Sei que canto. E a canção é tudo.  
Tem sangue eterno a asa ritmada.  
E um dia sei que estarei mudo:  
- mais nada.*

Dentre os muitos 'motivos' para refletir tudo o que vivemos, no tocante a ser professora, Freire alerta que "o professor que não leve à sério sua formação, que não estude, que não se esforce pra estar à altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe. (...) O clima de respeito que nasce de relações justas, sérias, humildes, generosas, em que a autoridade docente e as liberdades dos alunos se assumem eticamente, autentica o caráter formador do espaço pedagógico. (...) A autoridade coerentemente democrática está convicta de que a disciplina verdadeira não existe na estagnação, no silêncio dos silenciados, mas no alvoroço dos inquietos, na dúvida que instiga, na esperança que desperta." (Freire, 1997, p.103)

Paulo Freire nos afirma que, no processo ensino-aprendizagem e na relação professor-aluno, é fundamental não separar ensino, conteúdos e formação ética; prática e teoria; autoridade e liberdade; aprender e ensinar; respeito ao professor e respeito ao aluno. "Quanto mais penso sobre a prática educativa, reconhecendo a responsabilidade que ela exige de nós, tanto mais me convenço do dever nosso de lutar no sentido de que ela seja realmente respeitada. O respeito que devemos como professores aos educandos

dificilmente se cumpre, se não somos tratados com dignidade e decência pela administração privada ou pública da educação.” (idem, p.107)

Refletir minha formação é relacionar minhas leituras teóricas e do espaço pedagógico, interpretando e reescrevendo minha prática, envolvendo-me numa luta política por melhores condições do exercício da profissão e desenvolvimento de uma educação melhor para todos.

“Sou professor a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação, contra a dominação econômica dos indivíduos ou das classes sociais. Sou professor contra a ordem capitalista vigente que inventou esta aberração: a miséria na fartura. Sou professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo. Sou professor contra o desengano que me consome e imobiliza. Sou professor a favor da boniteza que dela some se não cuida do saber que devo ensinar, se não brigo por este saber, se não luto pelas condições materiais necessárias sem as quais meu corpo, descuidado, corre o risco de se amofinar e de já não ser o testemunho que deve ser de lutador pertinaz, que cansa mas não desiste. Boniteza que se esvai de minha prática se , cheio de mim mesmo, arrogante e desdenhoso dos alunos, não canso de me admirar” (ibid, p.115) Daí, como aponta Freire, a necessidade do compromisso ético para ensinar certo e bem os conteúdos, sem arrogância, com humildade, com coerência entre o que se diz, escreve-se e se faz. Pois se a educação não puder ser transformadora das condições sociais de existência, ao menos que ela não seja reprodutora da ideologia e opressão dominantes.

Na nossa formação, “ é preciso que saibamos que, sem certas qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça, não é possível à prática pedagógica-progressista, que não se faz apenas com ciência e técnica.” (ibid, p.136)

Sobre o exercício crítico e a abertura à diferença, Freire afirma que “o melhor caminho para guardar viva e desperta a minha capacidade de pensar certo, de

ver com acuidade, de ouvir com respeito, por isso de forma exigente, é me deixar exposto às diferenças, é recusar posições dogmáticas, em que me admita como proprietário da verdade.(...) Atitude correta de quem se encontra em permanente disponibilidade a tocar e ser tocado, a perguntar e responder, a concordar e discordar. Disponibilidade à vida e a seus contratempos. Estar disponível é estar sensível aos chamamentos que nos chegam, aos sinais mais diversos que nos apelam, ao canto do pássaro, à chuva que cai ou que se anuncia na nuvem escura, ao riso manso da inocência, à cara carrancuda da desaprovação, aos braços que se abrem para acolher ou ao corpo que se fecha na recusa. É na minha disponibilidade permanente à vida a que me entrego de corpo inteiro, pensar crítico, emoção, curiosidade, desejo, que vou aprendendo a ser eu mesmo em minha relação com o contrário de mim. E quanto mais me dou à experiência de lidar sem medo, sem preconceito, com as diferenças, tanto melhor me conheço e construo meu perfil. Seria impossível saber-se inacabado e não se abrir ao mundo e aos outros à procura de explicação, de respostas à múltiplas perguntas” (ibid, p.151)

O autor reflete sobre a afetividade no processo de formação. “Preciso estar aberto ao gosto de querer bem, às vezes, à coragem de querer bem aos educandos e à própria prática educativa de que participo. A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. A minha abertura ao querer bem significa a minha disponibilidade à alegria de viver. E ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria. A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje.” (ibid, p.160) Estudar, neste contexto, seria assumir uma atitude séria, curiosa e crítica diante de um problema.

Um processo de formação envolve ação e pensamento, exige prática e teoria em unidade. Como afirma Freire, a prática precisa da avaliação como os peixes precisam de água e a lavoura da chuva. Planejamento e avaliação devem caminhar sempre juntos neste trabalho.

## O APRENDIZ

*Bertolt Brecht*

*Construí antes de areia, depois construí  
de pedra.*

*Como a pedra desabasse,  
não construí de mais nada.*

*Depois voltei muitas vezes a construir  
de areia e pedra, conforme; porém  
tinha aprendido.*

*Àqueles a quem eu confiava a mensagem,  
dela faziam pouco; porém àqueles em quem  
eu nem reparava  
vinham com ela até mim.  
Isso tenho aprendido.*

*O que eu recomendava, não era posto em  
prática;  
chegando mais perto, eu via  
que estava equivocado e que o correto  
havia sido feito.  
Com isso eu tinha aprendido.*

*As cicatrizes doem  
nos momentos de frio.  
E eu digo sempre: só a sepultura  
não terá nada mais a me ensinar.*

Tudo o que vivemos, pessoal e profissionalmente, nos constitui como ser. Nossa formação é um constante processo de estudo e aprendizado das muitas relações e movimentos que participamos na escola.

Não poderia deixar de incluir nesta reflexão, como Professora de Educação Infantil, esta questão. “A tentativa de reduzir a professora à condição de tia é uma ‘inocente’ armadilha ideológica em que, tentando-se dar a ilusão de adocicar a vida da professora o que se tenta é amaciar a sua capacidade de luta ou entretê-la no exercício de tarefas fundamentais. Entre elas, por exemplo, a de desafiar seus alunos, desde a mais tenra e adequada idade, através de jogos, de estórias, de leituras para compreender a necessidade da coerência entre discurso e prática; um discurso sobre a defesa dos fracos, dos pobres, dos descamisados; um discurso que nega a existência das classes sócias, seus conflitos, e a prática política em favor exatamente dos poderosos. (...) Todos nós temos o direito de ou o dever de lutar pelo direito de ser nós mesmos, de optar, de decidir, de desocultar verdades. (...) Não é possível ser professora sem amar os alunos – mesmo que amar, só, não baste – e sem gostar do que faz (...) Não é possível também ser professora sem lutar por seus direitos para que seus deveres possam ser melhor cumpridos” (Freire, 1995, p.25)

Não quero ser macia quando luto! Torno a afirmar a necessidade de consciência, engajamento e estudo para melhorar minha prática docente e condições de exercício da profissão. O processo de formação envolve muito trabalho, dor, prazer, sensação de vitórias, de derrotas, dúvidas e alegrias, emoção, pesquisa e comprometimento para que seja contínuo. “É óbvio que problemas ligados à educação não são apenas problemas pedagógicos. São problemas políticos e éticos tanto quanto os problemas financeiros(...) É urgente que o magistério brasileiro seja tratado com dignidade para que possa a sociedade esperar dele que atue com eficácia e exigir tal atuação.” (idem, p.51)

Para o exercício do magistério, Freire aponta algumas qualidades indispensáveis ao melhor desempenho do professor: coragem, confiança e respeito próprios e aos outros para ter humildade de reconhecer que ninguém sabe ou ignora tudo; bom senso, amorosidade aos alunos e ao processo de ensinar. “É preciso contudo que esse amor seja, na verdade, um ‘amor armado’, um amor brigão de quem se afirma no direito ou no dever de ter o

direito de lutar, de denunciar, de anunciar. É essa a forma de amor indispensável ao educador progressista e que precisa ser aprendida e vivida por nós.” (ibid, p.57)

É preciso coragem de lutar ao lado da coragem de amar; tolerância para aprender com o diferente, a respeitar o diferente; decisão, segurança, tensão entre paciência e impaciência e a alegria de viver como qualidades a serem cultivadas. “É vivendo, não importa se com deslizes e com incoerências, mas disposto a superá-los, a humildade, a amorosidade, a coragem, a tolerância, a competência, a capacidade de decidir, a segurança, a eticidade, a justiça, a tensão entre paciência e impaciência, a parcimônia verbal, que contribuiu para criar e forjar a escola feliz, a escola alegre. A escola que é aventura, que marcha, que não tem medo do riso, por que recusa o imobilismo. A escola em que se pensa, em que se atua, em que se cria, em que se fala, em que se ama, se adivinha, a escola que apaixonadamente diz sim à vida. E não a escola que emudece e me emudece.” (ibid, p.63) Esta formação e cotidiano escolar eu quero viver!

MAPA

Murilo Mendes

*Me colaram no tempo, me puseram  
uma alma viva e um corpo desconjuntado. Estou  
limitado ao norte pelos sentidos, ao sul pelo medo,  
a leste pelo Apóstolo São Paulo, a oeste pela minha educação.  
Me vejo numa nebulosa, rodando, sou um fluido,  
depois chego à consciência da terra, ando como os outros,  
me pregam numa cruz, numa única vida.  
Colégio. Indignado, me chamam pelo número, detesto a hierarquia.  
Me puseram o rótulo de homem, vou rindo, vou andando, aos solavancos.  
Danço. Rio e choro, estou aqui, estou ali, desarticulado,  
gosto de todos, não gosto de ninguém, batalho com os espíritos do ar,  
alguém da terra me faz sinais, não sei mais o que é o bem*

nem o mal.

*Minha cabeça voou acima da baía, estou suspenso, angustiado, no éter,  
tonto de vidas, de cheiros, de movimentos, de pensamentos,  
não acredito em nenhuma técnica.*

*Estou com os meus antepassados, me balanço em arenas espanholas,  
é por isso que saio às vezes pra rua combatendo personagens imaginários,  
depois estou com os meus tios doidos, às gargalhadas,  
na fazenda do interior, olhando os girassóis do jardim.*

*Estou no outro lado do mundo, daqui a cem anos, levantando populações...*

*Me desespero porque não posso estar presente a todos os atos da vida.*

*Onde esconder minha cara? O mundo samba na minha cabeça.*

*Triângulos, estrelas, noite, mulheres andando,  
presságios brotando no ar, diversos pesos e movimentos me chamam a  
atenção,*

*o mundo vai mudar a cara,*

*a morte revelará o sentido verdadeiro das coisas.*

*Andarei no ar.*

*Estarei em todos os nascimentos e em todas as agonias,*

*me aninharei nos recantos do corpo da noiva,*

*na cabeça dos artistas doentes, dos revolucionários.*

*Tudo transparecerá:*

*vulcões de ódio, explosões de amor, outras caras aparecerão na terra,*

*o vento que vem da eternidade suspenderá os passos,*

*dançarei na luz dos relâmpagos, beijarei sete mulheres,*

*vibrarei nos canjerês do mar, abraçarei as almas no ar,*

*me insinuarei nos quatro cantos do mundo.*

*Almas desesperadas eu vos amo. Almas insatisfeitas, ardentes.*

*Detesto os que se tapeiam,*

*os que brincam de cabra-cega com a vida, os homens "práticos"...*

*Viva São Francisco e vários suicidas e amantes suicidas,*

*os soldados que perderam a batalha, as mães bem mães,*

*as fêmeas bem fêmeas, os doidos bem doidos.*

*Vivam os transfigurados, ou porque eram perfeitos ou porque jejuavam muito...  
viva eu, que inauguro no mundo o estado de bagunça transcendente.  
Sou a presa do homem que fui há vinte anos passados,  
dos amores raros que tive,  
vida de planos ardentes, desertos vibrando sob os dedos do amor,  
tudo é ritmo do cérebro do poeta. Não me inscrevo em nenhuma teoria,  
estou no ar,  
na alma dos criminosos, dos amantes desesperados,  
no meu quarto modesto da praia de Botafogo,  
no pensamento dos homens que movem o mundo,  
nem triste nem alegre, chama com dois olhos andando,  
sempre em transformação.*

Aproveito a 'declaração de vida' feita pelo Poeta para declarar-me mulher, professora em formação, com minha história de leitura e escolaridade associada 'as leituras de mundo e 'as muitas rodas de 'causos' das quais participei desde muito pequena, sob a luz de lamparinas, na roça onde minha avó paterna morava em Minas Gerais. O sentido das coisas, as significações do que vou vivendo vai se construindo intensamente, a cada dia, num processo contínuo de transformação.

Tomo aqui o ato de ler com sendo tão importante quanto viver o simples, o rir, o chorar, curtir a mãe, o pai, o filho que ainda não tenho, o marido que adoro, a relação com o outro e com as coisas do mundo. O processo de formação pode ser fascinante por ser contínuo, envolver relações, lutas, frustrações e conquistas. Por envolver a alegria da criança em seu processo de descobertas e construção de conhecimentos. Por ser pulsante, criador, por lidar com a vida.

## ***V – E aqui vem o princípio de mais três histórias...***

Para justificar o prazer no trabalho com leitura na escola, “trago” o autor Elias José, definindo a leitura como prazer, saber e poder. “(...) prazer é fruição, a alegria, contentamento, júbilo, deleite, satisfação, sensação agradável, agrado, distração, divertimento, envolvimento. (...) Literatura é o jogo das palavras com o mais alto grau de envolvimento poético, apelo aos cinco sentidos, multissignificação, ritmo para os ouvidos e formas e cores que nos permitem criar cenas, lugares e pessoas.” (José, 1997, p.69)

Para o referido autor, podemos sair de uma experiência de leitura “tontos de prazer”, com perguntas sobre o mundo que vivemos, que somos e que desconhecemos. “O poema, através dos seus enigmas e mistérios, através do lúdico e do novo que as imagens poéticas nos lançam, tanto nos podem permitir puro prazer estético, a alegria e o deleite, como o prazer perturbador de nos tirar da mesmice e da mediocridade de nossas vidas vidinhas. Somos capazes de sentir no texto os cheiros, os gostos, os sons, as cores e as formas do mundo, quando tocados pela magia das palavras. Os bons leitores também são artistas, recriadores do texto. Eles enriquecem o jogo com suas vivências. Acrescentam sonhos aos sonhos, mistérios aos mistérios. Completam ou modificam o que lhes foi proposto.” (idem, p.69) Neste conceito de prazer na leitura, de magia criadora de significados, vivências, relações e sentidos, acredito e quero para o meu trabalho de professora em formação no cotidiano escolar.

Elias José associa o livro a saberes e sabores, como veículo representante de uma possibilidade (dependendo da intervenção escolar, que seja feita, por exemplo) de liberdade tensa e intensa de ‘interrogações, interjeições e reticências que nos perturbam’. Este e outro poeta, José Paulo Paes, são dois autores que me “apresentaram” de forma apaixonada a poesia para crianças, responsáveis iniciais por minha intenção de estudo e trabalho com linguagem. Nas palavras do primeiro, “felizes são os convidados para a ceia literária com pratos tão variados. Como criador, brigo com as palavras para que elas tenham

sangue, víscera, coração e mente. Sei que cultura é a soma de culturas. A vida é soma de linguagens. A leitura é soma de prazeres, de saberes e de sabores. A descoberta desta soma é que representa a magia da palavra escrita. Só que como nos ensina Drummond, é preciso ter a chave. E a chave da leitura é uma conquista pessoal. Muitos poderão nos ajudar a ter acesso aos livros, mas cada um de nós terá que conquistar o seu modo de ler o livro e de ler o mundo no livro.” (ibid, p.74) É aqui entra o meu papel de profissional da educação, principalmente considerando que muitas vezes é somente na escola que a criança tem contato com o mundo literário.

JOSÉ

*Carlos Drummond de Andrade*

*E agora, José?  
A festa acabou,  
a luz apagou,  
o povo sumiu,  
a noite esfriou,  
e agora, José?  
e agora, você?  
você que é sem nome,  
que zomba dos outros,  
você que faz versos,  
que ama, protesta?  
e agora, José?*

*Está sem mulher,  
está sem discurso,  
está sem carinho,  
já não pode beber,  
já não pode fumar,  
cuspir já não pode,  
a noite esfriou,*

*o dia não veio,  
o bonde não veio,  
o riso não veio,  
não veio a utopia  
e tudo acabou  
e tudo fugiu  
e tudo mofou,  
e agora, José?*

*E agora, José?  
sua doce palavra,  
seu instante de febre,  
sua gula e jejum,  
sua biblioteca,  
sua lavra de ouro,  
seu terno de vidro,  
sua incoerência,  
seu ódio – e agora?*

*Com a chave na mão  
quer abrir a porta,  
não existe porta;  
quer morrer no mar,  
mas o mar secou;  
quer ir para Minas,  
Minas não há mais.  
José, e agora?*

*Se você gritasse,  
se você gemesse,  
se você tocasse  
a valsa vienense,  
se você dormisse,  
se você cansasse,*

*se você morresse...  
Mas você não morre,  
você é duro, José!*

*Sozinho no escuro  
qual bicho-do-mato,  
sem teogonia,  
sem parede nua  
para se encostar,  
sem cavalo preto  
que fuja a galope,  
você marcha, José!  
José, para onde?*

E agora, Maria? Maria, mulher, menina, como tantas outras, Professora em formação, como pensar a leitura e o prazer, a possibilidade de um trabalho significativo, envolvente e comprometido no cotidiano escolar, base para uma educação melhor e desejo de uma formação continuada? Como levar a leitura de mundo, as experiências de vida dos educandos e educadores para a escola, para organizar o processo de formação?

*EMERGÊNCIA  
Mario Quintana*

*Quem faz um poema abre uma janela.  
Respira, tu que estás numa cela  
abafada,  
esse ar que entra por ela.  
Por isso é que os poemas têm ritmo  
- para que possas profundamente respirar.  
Quem faz um poema salva um afogado.*

Talvez sejam emergentes o encanto, a emoção, a poesia, a literatura e a leitura contagiarem o estudante, a professora e todo profissional da educação, para fazerem da escola uma oficina de criações, uma possibilidade de existência.

## *POEMA DE NATAL*

*Vinicius de Moraes*

*Para isso fomos feitos:  
Para lembrar e ser lembrados  
Para chorar e fazer chorar  
Para enterrar os nossos mortos –  
Por isso temos braços longos para os adeuses  
Mãos para colher o que foi dado  
Dedos para cavar a terra.*

*Assim será a nossa vida:  
Uma tarde sempre a esquecer  
Uma estrela a se apagar na treva  
Um caminho entre dois túmulos –  
Por isso precisamos velar  
Falar baixo, pisar leve, ver  
A noite dormir em silêncio.*

*Não há muito que dizer:  
Uma canção sobre um berço  
Um verso, talvez, de amor  
Uma prece por quem se vai –  
Mas que essa hora não esqueça  
E por ela os nossos corações  
Se deixem, graves e simples.*

*Pois para isso fomos feitos:  
Para a esperança no milagre  
Para a participação da poesia  
Para ver a face da morte –  
De repente nunca mais esperaremos...  
Hoje a noite é jovem; da morte, apenas  
Nascemos, imensamente.*

Fomos feitos para viver intensamente, para aprender, refletir, experienciar e criar sobre cada fato ou dado...

## **VI – Bibliografia**

- ALVES, Nilda (org.) e GARCIA, Regina Leite (org.) *O sentido da escola*. 2ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. (O sentido da escola)
- BJÖRK, Christina. Il. Lena Anderson. Trad. Ana Maria Machado. *Linéia no jardim de Monet*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1992.
- BRAGA, Elizabeth dos Santos. *A constituição social da memória – uma perspectiva histórico-cultural*. Editora Unijui, 2000.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. A leitura nas séries iniciais. *Leitura: teoria e prática*. Campinas/SP: Associação de Leitura do Brasil, Porto Alegre: Mercado Aberto, nº 12, p.4-11, ano 07, dez/88.
- COELHO, Aline A. Literatura infantil: orientações quanto à escolha do livro e às atividades da hora da leitura. *Revista do Professor*, Porto Alegre, Ano 16, nº 61, jan/mar - 2000, p. 14 a 15.
- DEMO, Pedro. *Saber Pensar*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2001 (Guia da Escola Cidadã, v.6).
- DRAGO, Rogério. História infantil: contribuições para uma prática pedagógica socializadora. *Revista do Professor*, Porto Alegre, nº 56, out/dez - 1998, p. 09/11.
- FERNANDEZ ENGUITA, Mariano. *A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- GENTILI, Pablo A. A. O discurso da qualidade como nova retórica conservadora In: GENTILI, Pablo A. A. e SILVA, Tomaz Tadeu da (orgs.) *Neoliberalismo, qualidade total e educação: visões críticas*. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. Lendo histórias de leitura. *Leitura: teoria e prática*. Campinas/SP: Associação de Leitura do Brasil, Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995, nº 25, p.47-69, ano 14, junho/95.
- FONTANA, Roseli e Maria Nazaré da Cruz. *Psicologia e trabalho pedagógico*. São Paulo: Atual, 1997.
- FONTANA, Roseli Aparecida Cação. *Como nos tornamos professoras?*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- FONTANA, Roseli Aparecida Cação. Trabalho e subjetividade. Nos rituais da iniciação a constituição do ser professora. *Cadernos Cedes: Relações de ensino – análises na perspectiva histórico-cultural*. Campinas/SP: Unicamp:CEDES, 2001, nº 50, p.103-119.

FREIRE, Madalena. *A paixão de conhecer o mundo*. 12ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. 39ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FREIRE, Paulo. *Conscientização*. São Paulo: Editora Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática de liberdade*. 22ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 4ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. *Professora sim, tia não – cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Editora Olho d'água, 1995.

GALLAGHER, Belinda. *Mitos e Lendas*. Ilustrações Roger Payne. São Paulo: Loyola, 1994.

GARCIA, Regina Leite (org.) *Revisitando a pré-escola*. São Paulo: Cortez, 1993.

GERALDI, João Wanderley. Prática da leitura de textos na escola. *Leitura: teoria e prática*. Campinas/SP: Associação de Leitura do Brasil, Porto Alegre: Mercado Aberto, nº 03, p.25-33, ano 3, julho/84.

GERALDI, João Wanderley. Educação e linguagem. *Leitura: teoria e prática*. Campinas/SP: Associação de Leitura do Brasil, Porto Alegre: Mercado Aberto, nº 14, p.37-39, ano 8, dez/89.

IMPERATRIZ, Sandra Regina A. C. Libertando a criança do medo de ler e escrever: técnicas para a produção de textos poéticos. *Revista do Professor*, Porto Alegre, Ano 15, nº 58, abr/jun - 1999, p. 37/44.

JOSE, Elias. Leitura: prazer, saber e poder. *Leitura: teoria e prática*. Campinas/SP: Associação de Leitura do Brasil, Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997, nº 29, p.67-75, ano 16, junho/97.

JOSE, Elias. Literatura infantil: opção ou imposição? *Leitura: teoria e prática*. Campinas/SP: Associação de Leitura do Brasil, Porto Alegre: Mercado Aberto, nº 10, p.3-4, ano 06, dez/87.

KRAMER, Sonia. Leitura e escrita como experiência: notas sobre seu papel na formação. In: ZACCUR, Edwirges (org.) *A magia da linguagem*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. (O sentido da escola) p.101-121.

KNUPPE, Luciane. Poemas e rimas: brincando com poesia, a criança desenvolve a expressão verbal. *Revista do Professor*, Porto Alegre, Ano 15, nº 60, out/dez - 1999, p. 5 a 8.

- LEITE, Sérgio. O fracasso escolar no ensino de Primeiro Grau. In: LEITE, Sérgio. *Alfabetização e fracasso escolar*. São Paulo: Edicon, 1988.
- LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1993.
- LAJOLO, Marisa. *Literatura: leitores e leitura*. São Paulo: Moderna, 2001.
- LIMA, Licínio C. *Organização Escolar e democracia radical: Paulo Freire e a governação democrática da escola pública*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2002 (Guia da Escola Cidadã, v.4).
- MATOS, Heloisa Andréia V. de *Análise de práticas pedagógicas na área de Leitura desenvolvidas em sala de aula*. Trabalho de Conclusão de Curso. Unicamp, 1997.
- MARQUES, Mario Osório. *Escrever é preciso: o princípio da pesquisa*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1997 (Coleção Educação)
- MORICONI, Italo (org.) *Os cem melhores poemas brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- OMOTE, Sadao. *Deficiência e não deficiência: recortes do mesmo tecido*. Revista Brasileira de Educação Especial, nº 02, 1994, p. 65-73.
- PADILHA, Paulo Roberto. *Planejamento dialógico: como construir o projeto político pedagógico da escola*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2002 (Guia da Escola Cidadã, v.7).
- PATTO, Maria Helena S. *A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia*. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1990.
- PAES, José Paulo. *Poemas para brincar*. 16ª ed. São Paulo: Ática, 2000.
- PINTO, Ana Lucia Guedes. Hora do conto: momento de prazer, trocas, aprendizagem e cumplicidade. *Revista da Educação – Sindicato dos Trabalhadores no Serviço Municipal de Campinas*, nov/96, nº03.
- PRADO, Guilherme do Val Toledo. *Da busca de ser professor*. Tese de Mestrado. UNICAMP: 1992.
- ROCHA, Ruth. Para não vacinar a criança contra leitura. *Leitura: teoria e prática*. Campinas/SP: Associação de Leitura do Brasil, Porto Alegre: Mercado Aberto, nº 02, p.3-10, ano 02, out/83.
- RODARI, Gianni. *Gramática da fantasia*. 9ª ed. São Paulo: Summus Editorial, 1982.

SCHLOGL, Michele. *Aprendendo a ensinar a ler e escrever: uma professora em três atos*. Trabalho de Conclusão de Curso, UNICAMP, 2001.

SILVA, Ezequiel Teodoro da. *Leitura e realidade brasileira*. 5ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

SILVA, Ezequiel Teodoro da. *Leitura na sociedade e na escola. Leitura: teoria e prática*. Campinas/SP: Associação de Leitura do Brasil, Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996, nº 27, p.57-65, ano 15, junho/96.

SILVA, Lílian Lopes Martin da (org.) *Entre leitores: alunos, professores*. Campinas/SP: Komedi: Arte Escrita, 2001.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. *A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo*. 9ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SMOLKA, Ana Luiza B. e outras. *A questão dos indicadores de desenvolvimento: apontamentos para discussão*. In. *Caderno de desenvolvimento infantil*. p.71-76.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. *Conhecimento e produção de sentidos na escola: a linguagem em foco*. In *Cadernos Cedes*. (p.50-61) 2ª ed. Campinas, UNICAMP, 2000.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante, SILVA, Ezequiel Theodoro da, BORDINI, Maria da Glória, ZILBERMAN, Regina. *Leitura e desenvolvimento da linguagem*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. *O trabalho pedagógico na diversidade (adversidade?) da sala de aula*. *Cadernos Cedes*, nº23, São Paulo, Cortez/CEDES, 1989, p.39-47.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. *A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural*. *Revista Educação e Sociedade nº71*. Campinas, 2000.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. *Linguagem e conhecimento na sala de aula: modos de inscrição das práticas cotidianas na memória coletiva e individual*. *Encontros sobre teoria e pesquisa em ensino de ciências*.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante, Laplane, Adriana Lia Frizman de Laplane e Braga, Elizabeth dos Santos. *Modos de lembrar, de narrar e de escrever: um estudo sobre as condições e possibilidades de elaboração coletiva da memória*.

SOARES, Magda. *Letramento: como definir, como avaliar, como medir*. In: SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica : 1998.

TFOUNI, Leda V. *Escrita, alfabetização e letramento*. In: TFOUNI, Leda V. *Letramento e alfabetização*. São Paulo: Cortez, 1995.

VARGAS, Suzana. Rodas de leitura: o que são, de onde vieram, para onde vão? *Leitura: teoria e prática*. Campinas/SP: Associação de Leitura do Brasil, Porto Alegre: Mercado Aberto, nº 29, p.60-66, junho/1997.

VYGOTSKI, L.S. *A Formação Social da Mente*. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VYGOTSKI, L.S. *Pensamento e Linguagem*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

YUNES, Eliana. Círculos de leitura: teorizando a prática. *Leitura: teoria e prática*. Campinas/SP: Associação de Leitura do Brasil, Porto Alegre: Mercado Aberto, nº 33, p.17-21, junho/1999.

ZILBERMAN, R. A. Leitura na Escola in Regina Zilberman. *A Leitura Em Crise Na Escola: as alternativas do Professor*. 2ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

ZIRALDO. *O menino maluquinho*. 64ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

## ***ANEXOS***

## **Anexo 1**

**BRAZUCA**

*Gabriel, o Pensador – 1998*

*Produzido por Fábio Fonseca*

*Futebol não se aprende na escola  
No país do futebol, o sol nasce para todos  
Mas só brilha para poucos  
E brilhou pela janela do barraco  
Da favela onde mora esse garoto chamado Brazuca  
Que não tinha nem comida na panela  
Mas fazia embaixadinha na canela  
E deixava a galera maluca  
Era novo e já diziam que era um novo Pelé  
Que fazia o que queria com uma bola no pé  
Que cobrava falta bem melhor que o Zico e o Maradona  
E que driblava bem melhor que o Mané, pois é.  
E o Brazuca cresceu, despertando o interesse em empresários  
Que tem um pôster do Romário no armário  
Mas que joga mal pra c...  
O nome dele é Zé Batalha e, desde pequeno, ele trabalha  
Pra ganhar uma migalha que alimenta sua mãe e seu irmão mais novo  
Nenhum dos dois estudou porque não existe educação pro povo.*

*No país do futebol quase tudo vai mal  
Mas Brazuca é bom de bola, já virou profissional!  
Campeão estadual, campeão brasileiro  
Foi jogar na Seleção, conheceu o mundo inteiro  
E o mundo inteiro conheceu Brazuca com a 10*

Comandando na meiuca como quem joga sinuca com os pés  
Com calma, com classe, sem errar um passe  
O que fez que seu passe também valorizasse  
E hoje ele é o craque mais bem pago da Europa  
Capitão da Seleção ta lá na Copa  
Enquanto o seu irmão Zé Batalha  
E todo o seu povão – a Gentalha  
Da favela de onde veio – só trabalha  
Suando a camisa, jogando pra escanteio  
Tentando construir uma jogada mais bonita  
Do que a grama que carrega na marmitta  
Contundido de tanto apanhar,  
Confundido com bandido  
Impedido, pode parar  
Sem reclamar pra não levar cartão vermelho  
Zé Batalha sob a mira da metralha, de joelho  
Tentando se explicar com um revolver na nuca  
Eu sou trabalhador, sou irmão do Brazuca  
Ele reza, prende a respiração  
E lá na Copa pênalti a favor da Seleção  
Bola no lugar, Brazuca vai bater  
Dedo no gatilho, Zé Batalha vai morrer  
Juiz apitou, tudo como tinha que ser  
Ta lá mais um gol e o Brasil é campeão  
Ta lá mais um corpo estendido no chão.

O país ficou feliz depois daquele gol  
Todo mundo satisfeito, todo mundo se abraçou  
Muita gente até chorou, uma comemoração  
Com orgulho de viver neste país campeão  
E na favela, no dia seguinte, ninguém trabalha

*É o dia de enterrar o que sobrou do Zé Batalha  
Mas não tem ninguém para carregar o corpo  
Nem pra fazer uma oração pelo morto  
Ta todo mundo com a bandeira na mão  
Esperando a Seleção no aeroporto  
É campeão  
Da hipocrisia, da violência, da humilhação  
É campeão  
Da ignorância, do desespero, da desnutrição  
É campeão  
Da covardia, da miséria, da corrupção  
É campeão  
Do abandono, da fome, da prostituição.*

## Anexo 2

É

Gonzaguinha

1988

É...

*A gente quer valer o nosso amor,  
a gente quer valer nosso suor,  
a gente quer valer o nosso humor,  
a gente quer do bom e do melhor,  
a gente quer carinho e atenção,  
a gente quer calor no coração,  
a gente quer suar, mas de prazer,  
a gente quer é ter muita saúde,  
a gente quer viver a liberdade,  
a gente quer viver felicidade.*

É...

*A gente não tem cara de panaca,  
a gente não tem jeito de babaca,  
a gente não está com a bunda exposta  
na janela para passar a mão nela.*

É...

*A gente quer viver plenos direitos,  
a gente viver todo o respeito,  
a gente quer viver uma nação  
a gente quer é ser um cidadão  
a gente quer viver uma nação...*

É, é, é, é, é...

## PARECER DO SEGUNDO LEITOR

ALUNA: JOSELANE ARAÚJO FERREIRA DE OLIVEIRA  
TÍTULO: O PRAZER À LUZ DE TRÊS HISTÓRIAS: A LEITURA NA ESCOLA E  
A FORMAÇÃO DE UMA PROFESSORA

Campinas, 17 de novembro de 2002.

Cara Joselane,

Ensinar *sem arrogância, com humildade, com coerência entre o que se diz, escreve-se e se faz*, são as palavras de Paulo Freire transcritas em seu Trabalho de Conclusão de Curso, com as quais quero começar a nossa conversa. Por quê, você deve estar se perguntando?

Porque considero esse um dos maiores desafios de um educador, de qualquer nível escolar, de qualquer instituição, de qualquer lugar. Quantos de nós, na universidade, têm se lembrado dessas singelas palavras do grande Paulo Freire?

Também porque, para mim, sempre é bom lê-las, lembrá-las, rememorar-las, até ruminá-las. Por isso, desde já, agradeço a você a lembrança afetuosa que são sempre as palavras de Freire e que você várias vezes não só as citou e fez referências, como também as incorporou na tessitura de sua linguagem, de seu trabalho.

Não foi possível deixar de lhe escrever em forma de carta (como você também o faz no início de sua pesquisa), pela força que sua escrita, mistura de sonho e de obstinação, me provocou ao lê-la. Seu Trabalho de Conclusão de Curso é sonho: busca, poesia, vontade, afeto. É obstinação na formação, no ato de escrever, no ensinar, no desejo de transformar uma sociedade injusta, desigual. Uma obstinação que Caetano Veloso chama de *essa força estranha*.

Você escreve um texto narrativo entrelaçado de outros textos (e quantos! E lindos!) poéticos e de outros da academia que dão leveza ao trabalho, multiplicam-se vozes, produzem uma nova configuração de pesquisa.

Mas, “para não dizer” que só “falei de flores” e elogios, questiono: a leitura, na escola ou fora dela, não pode ser arquiteta, planejada e orientada apenas pelo prazer. Omitir a esses alunos que muitas vezes, a leitura é prática *multiforme, itinerante* (Certeau) cansativa, monótona e que exige muito trabalho por parte do leitor, é destitui-lo de sua caminhada enquanto leitor. A leitura que aparece, aqui, em seu TCC como condição de transformação social e também como atividade mobilizadora de prazer, de sedução, de entusiasmo, em minha opinião, precisa ser revista enquanto visão mificadora e idelaizada da leitura e, da educação, em geral.

Também quero chamar atenção para o gênero “carta”, com o qual você abre seu trabalho. Ele precisa como pertencente a esse gênero epistolar, de um interlocutor que converse com a autora, de maneira mais explícita e mais concreta.

Finalmente, quero lhe dizer do contentamento que tenho diante desse trabalho. Pela originalidade no tratamento do tema, pela opção teórica que o sustenta, pelo envolvimento da autora com literatura, leitura, leitores que transparece nas entrelinhas do texto.

Considero, porém, que seu trabalho tenha ainda que passar por uma revisão cuidadosa de alguns erros de digitação e alguns deslizos no uso da modalidade escrita padrão, para que ele possa cumprir o seu objetivo primeiro: o de manuseio e consulta de

outros pesquisadores que venham a se dedicar a tal tema. Ressalto, ainda, que fiz, como contribuição, algumas anotações no decorrer do próprio trabalho.

Um abraço,

Norma.



Norma Sandra de Almeida Ferreira.

2ª Leitora.

Novembro de 2002.

(dez)  
Norma 120-